

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO | 2023.1
ARQUITETURA E URBANISMO | UFSC

COMPREENDER, (RE)DESCOBRIR, COMPARTILHAR

UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE AS DISTINTAS FACES DO CENTRO

GIULIA DE PARIS | 18102693
ORIENTADORA: MAÍRA LONGHINOTTI FELIPPE

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Vera e Alcimir, por tudo que sempre fizeram por mim. Por serem a minha base e inspiração todos os dias. Por me permitirem sonhar tendo a certeza que sempre terei apoio. Além dos agradecimentos por serem pais excepcionais, agradeço também a eles como arquitetos por toda ajuda e apoio que me deram durante a faculdade. É impossível colocar em palavras a gratidão e o amor que eu sinto por eles.

Ao meu pai, Prof. Alcimir, agradeço em especial por todas as orientações durante a graduação. Obrigada por me incentivar a sair da zona de conforto e perceber o lado sensível da arquitetura. Muito do que estou me tornando como arquiteta é graças a ele.

À minha orientadora, Prof. Máira, por embarcar comigo neste processo e me dar liberdade para trazer nele muito do que busco ser.

Aos professores que passaram pelo meu caminho durante a graduação contribuindo para a minha formação.

Aos meus amigos que estão comigo desde o colégio e a todos que chegaram durante a graduação, pois foram essenciais nesta trajetória.

Ao meu namorado Diego, por estar sempre ao meu lado deixando todos os momentos mais leves e divertidos. Obrigada por ser calma em meio ao caos.

Por fim, agradeço a cada um com quem pude compartilhar e aprender tanto nas partilhas do centro. Tenho certeza que, ao conhecer tantas histórias e realidades diferentes, tornei-me uma arquiteta e pessoa melhor.

SUMÁRIO

| | | | |
|---|----|---------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO..... | 03 | (RE)DESCOBRIR..... | 17 |
| O QUE É TCC..... | 03 | O CENTRO DA INFÂNCIA..... | 17 |
| MOTIVAÇÃO..... | 03 | O OLHAR CURIOSO..... | 18 |
| OBJETIVOS E METODOLOGIA..... | 04 | ESPAÇOS QUALIFICADOS..... | 19 |
| ORGANIZAÇÃO..... | 04 | QUALIDADES ESPACIAIS..... | 25 |
| SOBRE O PROJETAR..... | 25 | | |
| COMPREENDER | 05 | COMPARTILHAR..... | 26 |
| A CENTRALIDADE..... | 05 | CONVITE À REFLEXÃO..... | 26 |
| TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E SOCIAIS..... | 06 | OS CUBOS..... | 27 |
| HISTÓRIA..... | 06 | A PARTILHA..... | 28 |
| DINÂMICA DIA X NOITE..... | 07 | O QUE FOI O TCC..... | 32 |
| ESPAÇOS DE SOBRECARGA..... | 08 | | |
| ESPAÇOS DE SUBCARGA..... | 10 | BIBLIOGRAFIA..... | 33 |
| COSTUMES..... | 11 | | |
| TURISMO..... | 11 | | |
| MEDOS E INSEGURANÇAS..... | 12 | | |
| ARQUITETURA E CONTROLE..... | 13 | | |
| O PAPEL DO ARQUITETO..... | 15 | | |
| A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO..... | 16 | | |

APRESENTAÇÃO

O QUE É TCC

Considero o Trabalho de Conclusão de Curso como um processo. Uma oportunidade de melhor compreender a mim mesma e a cidade, um momento no qual tenho a possibilidade de registrar e comunicar questionamentos pessoais sobre o espaço de todos.

Com o desejo de escolher uma temática que tivesse relação comigo e que me cativasse durante todo o processo, não iniciei o TCC com um tema definido; ele se formou à medida que o trabalho foi sendo realizado. Permitir-me descobrir o tema do Trabalho de Conclusão de um curso de 5 anos durante o seu andamento foi desafiador, mas me proporcionou uma visão diferente e um percurso mais estimulante.

Entender sobre meus princípios, o que me motivava e minha percepção sobre a cidade não foi sempre fácil, mas possibilitou uma melhor compreensão da minha contribuição, neste momento, ainda como estudante de arquitetura.

Procurei trazer no trabalho um pouco da maneira que busco ver o mundo e que acredito estar bem representada na imagem ao lado. O contratempo da chuva foi solucionado de uma maneira leve e criativa; algo que poderia ter sido motivo de estresse tornou-se um momento de diversão.

Figura 1 - O que é TCC



Fonte: Seruyan (2013)

Dessa forma, o TCC surge como uma tentativa de construir uma visão mais positiva sobre os espaços que vivenciamos e um esforço de solucionar, ou diminuir, problemas da cidade a partir de uma experiência mais leve e criativa.

Este trabalho busca então, a partir de uma percepção mais sensível, questionar a forma como vivenciamos os espaços da cidade que são, ou deveriam ser, de todos, e o papel do arquiteto na construção desses espaços.

MOTIVAÇÃO

Quando eu era pequena, meus pais costumavam me levar para o centro da cidade aos sábados, e me lembro desse lugar como um espaço de muita alegria e interação entre seus usuários.

Com o passar dos anos, minha visão do centro da cidade foi se alterando à medida que os motivos pelos quais eu ia até a área central também se alteravam. Ao invés de ser um passeio descontraído para ir até a livraria e passear pelo local, as idas ao centro passaram a ser sinônimo de compras e estresse. Os trajetos se resumiram a ir de um ponto específico a outro e ir embora assim que possível para não ficar muito tempo nesse espaço tumultuado.

Ao fazer a disciplina de Projeto Arquitetônico 7, ministrada pelo prof. Alcimir, deparei-me com a área central novamente, dessa vez com um olhar mais sensível. A partir das reflexões na disciplina, voltei a enxergar o centro como um lugar que ainda mantém muitos de seus espaços de convívio e possui um incrível potencial de ser muito além de uma região de compras. Esse resgate de um olhar curioso, assim como o olhar de uma criança, levou-me a refletir sobre as possibilidades de reinterpretação desses ambientes.

Dessa forma, o meu TCC surgiu a partir de uma vontade de **compreender** melhor os motivos pelos quais houve essa variação na minha forma de vivenciar o espaço urbano com o passar dos anos, uma possibilidade de **redescobrir** esses espaços de interação que se mantêm na centralidade e uma oportunidade de **compartilhar** com as outras pessoas do espaço público essas ambiências qualificadas ainda presentes no centro da cidade.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O trabalho tem a intenção de refletir sobre a forma como a população percebe o centro de Florianópolis e a qualidade dos seus espaços. Para isso, buscou-se entender como a atual dinâmica da cidade se formou ao longo dos anos, descobrir e refletir sobre os espaços da centralidade e suas qualidades espaciais e convidar a população a também pensar sobre os espaços do seu cotidiano.

Para entender a dinâmica atual do centro de Florianópolis foram feitos estudos bibliográficos sobre as transformações sociais e espaciais da área ao longo dos anos, e as suas consequências nos cidadãos e nos espaços existentes atualmente.

Durante todo o trabalho, foram realizadas caminhadas pelo centro da cidade como forma de entender a área a partir de vivências nela, pois é no lugar que ocorre a vida cotidiana e as relações sociais. O caminhar como forma de experienciar o espaço permitiu uma visão mais sensível da cidade e uma compreensão do lugar mais próxima da realidade vivida nela.

Além das caminhadas, para compreender melhor o cotidiano da população, durante todo o trabalho foram realizadas conversas com os usuários dos espaços, que possibilitaram a construção de uma análise não baseada apenas na minha interpretação, mas também sobre a perspectiva de outras pessoas.

As conversas realizadas e os depoimentos coletados aparecem no trabalho como blocos de texto diferenciados, estando com recuo das duas margens do texto principal, com uma fonte menor e coloração diferenciada.

Os espaços descobertos e discutidos no texto foram representados através de mapas mentais. Eles são representações espaciais do imaginário que retratam o espaço vivenciado e tem a função de tornar visíveis as minhas percepções sobre a realidade. A Praça XV, devido à sua importância, tanto histórica quanto espacial, foi utilizada como ponto de referência e está presente em todos os mapas. Os demais espaços foram dispostos no seu entorno com localizações próximas à realidade e as cores foram utilizadas como forma de representar as diferentes atmosferas percebidas nesses ambientes.

Outra ferramenta utilizada para representação dos espaços discutidos no trabalho foi a fotografia. As fotos produzidas por mim estão presentes em todo o trabalho e carregam em si as minhas interpretações sobre os espaços da centralidade e as relações que ocorrem neles.

O convite à população para pensar sobre os espaços do seu cotidiano foi realizado através de interferências espaciais. Nelas estavam presentes as imagens e os mapas mentais que tinham o papel de estimular a troca de interpretações do espaço entre as pessoas.

ORGANIZAÇÃO

A partir das indagações que motivaram o TCC, surgiram três momentos de estudo que direcionaram o trabalho: Compreender, (Re)Descobrir e Compartilhar.

COMPREENDER: Revisão histórica e bibliográfica crítica sobre as transformações que ocorreram no centro da cidade de Florianópolis ao longo dos anos. A partir desse estudo, foi possível entender a atual dinâmica da área e a influência do ambiente nos hábitos dos usuários do espaço público e nas suas relações sociais. Dessa forma, pude compreender minha mudança na forma de vivenciar o espaço com o passar dos anos.

(RE)DESCOBRIR: Vivência no centro da cidade que possibilitou a redescoberta de espaços qualificados ainda presentes na centralidade. A experiência ocorreu a partir do caminhar pela área do centro, e no seu decorrer foi possível entender as qualidades dessas ambiências e as atmosferas que elas proporcionam.

COMPARTILHAR: Interferências espaciais na centralidade para partilhar os espaços (re)descobertos e suas qualidades. A partilha teve como intuito convidar os usuários do centro a pensarem sobre os espaços onde vivem, suas qualidades e desigualdades, e incentivar a uma reinterpretação da área central.

COMPREENDER A CENTRALIDADE

Florianópolis é a capital do estado de Santa Catarina e a segunda maior cidade do estado. A cidade fica localizada na costa e possui uma parte insular e uma parte continental. Devido à sua importância, Florianópolis é uma cidade muito dinâmica e todos os dias recebe uma grande quantidade de pessoas de municípios vizinhos que participam das atividades da cidade. Além disso, a ilha também recebe uma grande quantidade de turistas, principalmente nos meses de verão.

O centro histórico de Florianópolis é um dos lugares mais movimentados da cidade e concentra em um pequeno espaço áreas com usos bastante distintos. A escolha dessa área de estudo se deu a partir da busca por resgatar e entender o espaço vivenciado na minha infância. O recorte espacial buscou abranger as distintas áreas presentes no centro e permitir um caminhar por todo ele.



Figura 2 - Área de estudo



Fonte: Elaboração própria (2023)

TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E SOCIAIS

HISTÓRIA

O espaço físico e as atividades exercidas no centro de Florianópolis sofreram diversas modificações durante os distintos momentos históricos pelos quais passou a cidade. A organização espacial urbana e os hábitos da população nos dias atuais são resultado de todas essas transformações sofridas ao longo dos anos, sendo necessário estudar a história da cidade para entender sua dinâmica atual.

A Vila Nossa Senhora do Desterro, núcleo que deu origem à Florianópolis, antes da independência do Brasil, possuía características de uma ocupação militar, sendo seu foco voltado à defesa do porto. No Século XVIII, durante a chegada dos imigrantes açorianos e madeirenses, a Vila ainda possuía poucos sinais de urbanização. Ao longo do século, a economia local se manteve ligada à pequena agricultura, pesca de baleias, produção de farinha de mandioca e tecelagem de algodão de linho. Somente após a independência, Desterro passou a ter uma imagem mais definida de centro urbano. A partir da intensificação das exportações, a burguesia comercial começou a modificar a paisagem criando sobrados e chácaras nas proximidades da Praça da Catedral (VAZ, 1992).

Figura 3 - Florianópolis década de 1890



Fonte: Fotos Antigas de Florianópolis (2011)

Figura 4 - Área central com Ponte Hercílio Luz ao fundo



Fonte: Ndmais (2016)

A Praça recebeu tratamento paisagístico tornando-se espaço de encontro entre os cidadãos. Já as edificações consideradas de pouco prestígio, como depósitos, foram alocadas mais distantes da Praça, a leste dela.

Em 1851, foi construído o primeiro mercado público da cidade, entre a Praça e o mar. Nessa época, a região do centro já possuía diversos comércios, setorizados de acordo com a sua função. A oeste da Praça, concentravam-se comércios varejistas, enquanto a leste, comércios de ferragens e artigos náuticos. Dessa forma, a área a oeste atraía as classes mais abastadas, enquanto o lado leste era mais frequentado por trabalhadores do porto, da construção civil e moradores da área, que tinham menor renda (VEIGA, 2010). No final do Século XIX, ocorreu a demolição do mercado e a construção do atual Mercado Público, distante cerca de 300 metros da Praça.

Na década de 1920, a dinâmica urbana sofreu uma grande transformação com a construção da ponte Hercílio Luz. A obra alterou o acesso à ilha, deslocando-o do porto à nova ponte.

Com a sua construção, ocorreu o aumento de veículos automotores na ilha, o alargamento das vias de acesso à ponte e surgiram as primeiras linhas de ônibus da cidade. Durante esse período, a frente marítima da cidade foi redesenhada para melhor receber o novo uso, tornando-se cada vez mais urbana.

A partir desse momento, verificou-se uma intensa descentralização da área. A Praça XV, antiga Praça da Catedral, tornou-se um local de divisão. A região a oeste da Praça sofreu uma urbanização muito acelerada por estar mais próxima do novo acesso da cidade, enquanto o lado leste tornou-se cada vez mais periférico na dinâmica urbana.

Nos anos 1950, a partir da ampliação da acessibilidade da área central, ocorreu uma rápida valorização dos seus terrenos e uma intensa verticalização do centro. Os antigos sobrados e chácaras foram substituídos por grandes edifícios. A reestruturação física seguiu um modelo funcional, organizando a região a partir dos usos, o que gerou a retirada de funções antes realizadas no centro e sua realocação em outras áreas da cidade (VAZ, 1992). Essa segregação de funções aglutinou atividades semelhantes e transformou o centro histórico em uma área prioritariamente de comércio.

O processo de crescimento econômico não ocorreu de forma completa e beneficiou apenas uma parcela da população. O rápido crescimento do setor da construção civil e de comércio e serviços foi sustentado por uma numerosa e periférica camada social de baixa renda.

Enquanto a população mais abastada ocupava novos edifícios do centro, a parcela mais pobre foi mantida às margens do crescimento, instalando-se em áreas adjacentes de difícil ocupação, como nas encostas de morros. Dessa forma, embora o processo de modernização não tenha modificado por completo o centro, ele intensificou a exclusão e especialização em toda a área central.

Figura 5 - Construção do Aterro Baía Sul



Fonte: Florianópolis Ontem e Hoje (2010)

As obras e melhorias do sistema de circulação e acesso ao centro permitiram uma aceleração do adensamento populacional. A ocupação de grande parte dos vazios da centralidade provocou um aumento no número de pessoas circulando no território e gerou a necessidade de novos acessos à cidade.

Nos anos 1970, foi construído um grande aterro na Baía Sul, que recebeu a nova entrada da ilha, a Ponte Colombo Salles. Na mesma época, foi construído o terminal de ônibus Francisco Tolentino, também sobre o aterro. Essas construções modificaram completamente a dinâmica do centro e a relação das pessoas com o espaço, pois essa área, que historicamente era considerada os fundos da cidade, virou, nesse momento, sua entrada principal. Além disso, devido à construção do aterro, o centro da cidade perdeu completamente sua relação com o mar, que era componente importante na memória coletiva do lugar (CONCEIÇÃO; RIOS, 2021).

Grande parte da área do aterro foi projetada para ser utilizada como um parque que abrigaria atividades diversas.

No entanto, o projeto acabou se transformando em um grande vazio urbano, e a área foi utilizada quase exclusivamente para circulação de veículos. Na década de 1980, foi construído outro terminal de ônibus no aterro, o Terminal Cidade de Florianópolis.

Devido ao adensamento de automóveis na centralidade, foram construídas grandes áreas de estacionamento na região. A partir de todas essas alterações na área do novo aterro, a dinâmica do caminhar foi substituída pelo percurso rápido e direto do automóvel.

Dos anos 2000 em diante, a dinâmica do centro consolidou as distintas zonas criadas pela urbanização. Em 2003, foi inaugurado o novo terminal, o TICEN, que substituiu os outros dois terminais centrais, deixando o Terminal da Cidade apenas para linhas intermunicipais e, posteriormente, linhas executivas. A modificação do uso desses terminais diminuiu ainda mais o fluxo de pessoas no lado leste da Praça XV. Essa zona, historicamente periférica devido ao deslocamento da urbanização para o lado oeste, com o passar dos anos recebeu cada vez menos atenção do governo e dos comércios.

Figura 6 - Centro de Florianópolis atualmente



Fonte: Ndmais (2020)

DINÂMICA DIA X NOITE

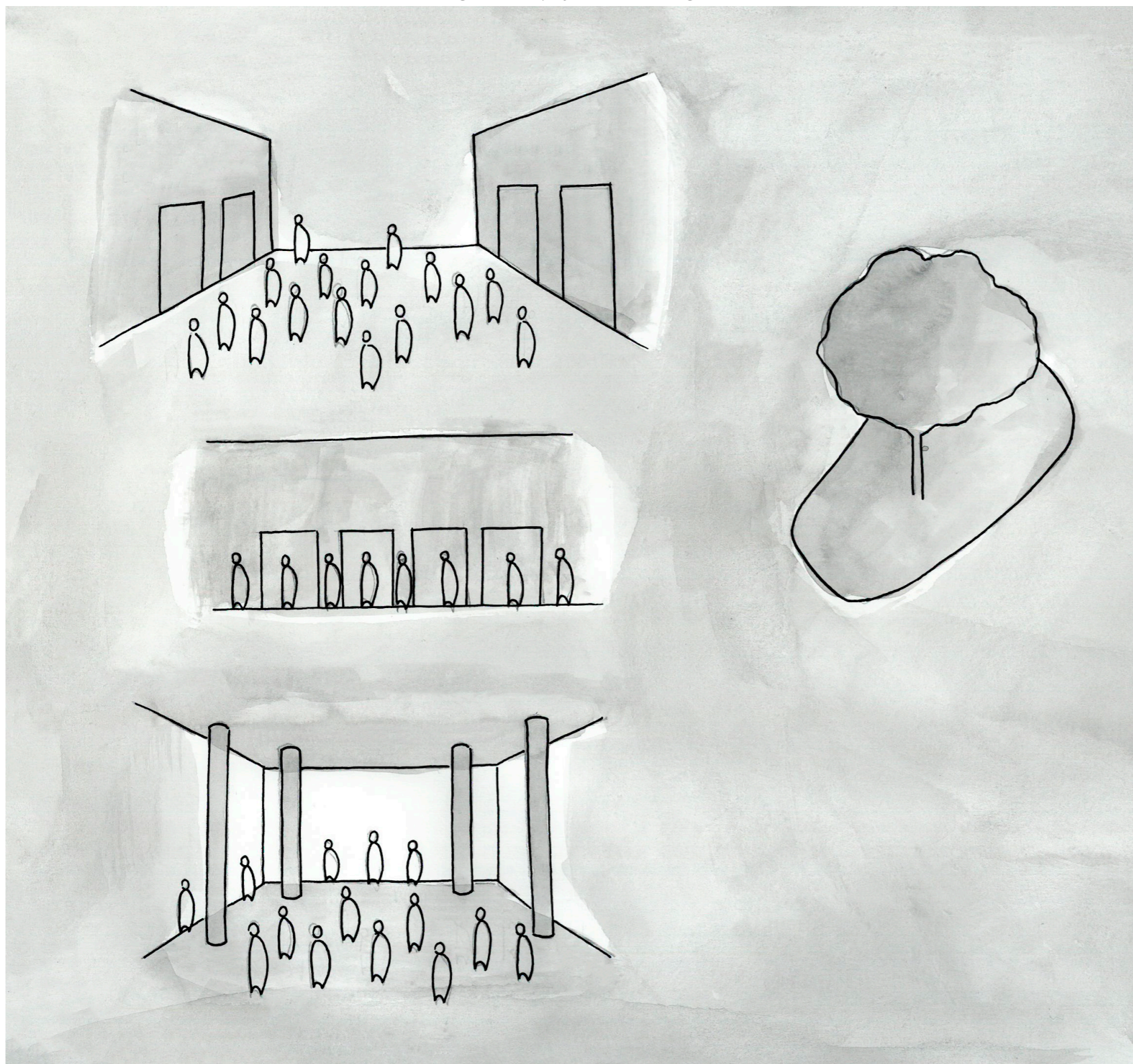
A aglutinação de atividades e concentração desigual de usos criada no centro durante o processo de modernização gerou também uma dinâmica bastante distinta durante o dia e a noite. A região a oeste da Praça XV possui uma enorme quantidade de lojas que funcionam no horário comercial e praticamente nenhum bar ou restaurante que abra no período noturno. Já a área a leste da Praça possui uma dinâmica inversa, com poucas lojas que funcionam no período diurno e uma grande quantidade de bares que, em sua maioria, abre somente durante a noite.

Dessa forma, durante o dia, a área a oeste da Praça XV possui uma grande concentração de pessoas, enquanto a zona leste se encontra bastante vazia, assim como ocorre de maneira inversa durante o período da noite.

Além da distinção entre a quantidade de pessoas em cada espaço, também existe uma grande variação no astral das pessoas que frequentam a região nesses dois momentos. A dinâmica do centro durante o dia é voltada ao trabalho e comércio, e a maioria das pessoas presentes busca a região por motivos específicos e caminha com bastante pressa. De maneira inversa, o local é procurado durante a noite com o objetivo de descanso e lazer, possibilitando uma forma de vivenciar o espaço bastante distinta do outro período.

Assim, a percepção das pessoas sobre a região é muito diferente durante os dois períodos. Durante a noite, o centro é sinônimo de diversão e descontração, enquanto durante o dia, muitas vezes, é visto como um espaço tumultuado e estressante.

Figura 7 - Espaços de sobrecarga



Fonte: Elaboração própria (2023)

ESPAÇOS DE SOBRECARGA

Devido à aglomeração que ocorre na área a oeste da Praça XV durante o dia, o ambiente apresenta vários fatores de estresse.

São designados como estressores ambientais as condições do ambiente que podem produzir efeitos nocivos nas pessoas. Os principais aspectos do ambiente que são designados como fontes de estresse são o ruído e a aglomeração.

O ruído é definido como um som não desejado. Para que um som seja considerado um ruído, componentes como intensidade e controle desempenham papel fundamental. A aglomeração é um estado psicológico que ocorre quando a oferta de espaço disponível é inferior ao necessário. O mesmo nível de densidade pode causar diferentes níveis de desconforto, dependendo das diferenças dos indivíduos, como cultura, personalidade, sexo e idade; além disso, a atividade desenvolvida e a duração dessa situação também influenciam na sensação produzida no indivíduo (STEG; BERG; GROOT, 2012).

Essas fontes de estresse ambiental podem provocar diversas consequências físicas e psicológicas nas pessoas, incluindo problemas relacionados com a saúde, emoções negativas e diminuição do funcionamento cognitivo, além de também poder gerar impactos no comportamento social.

Quanto maior é o número de pessoas nos espaços públicos, mais esses fatores se evidenciam e a junção deles gera uma sensação de sobrecarga no indivíduo. A sensação de sobrecarga ocorre devido à incapacidade da pessoa de processar novas informações em função da quantidade excessiva no espaço público (MILGRAM, 1970).

Figura 8 - Rua Felipe Schmidt



Fonte: Autoria própria (2023)

CONSEQUÊNCIAS

Em função da sobrecarga a que as pessoas são submetidas em alguns espaços, elas naturalmente criam mecanismos de adaptação para lidar com essas situações (MILGRAM, 1970).

Um dos mecanismos adaptativos desenvolvidos para lidar com a enorme quantidade de informação recebida diariamente e conservar a energia psíquica é o de atribuir menos tempo em cada interação.

Outro mecanismo criado é de priorização de cada interação, investindo, assim, tempo e energia apenas nas informações mais importantes.

Além disso, a intensidade das interações também diminui, sendo permitidas apenas formas de interação fracas e relativamente superficiais de envolvimento com outras pessoas.

A adaptação final desenvolvida pelos indivíduos submetidos a um ambiente sobrecarregado é ignorar por completo as necessidades dos outros por não serem tidas como relevantes para as demandas pessoais.

Sendo assim, a sobrecarga no centro urbano influencia diretamente no dia a dia e nas relações entre as pessoas, e a frequência de exigências presentes no espaço dá origem a uma dinâmica de não envolvimento moral e social entre os indivíduos.

As consequências desse distanciamento são o declínio na comunicação, confiança e receptividades às pessoas e às ideias, fatores necessários para a boa convivência em sociedade e que se encontram cada vez menos presentes nos centros urbanos.

Figura 9 - Banco redondo na Praça Fernando Machado



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 10 - Espaços de subcarga

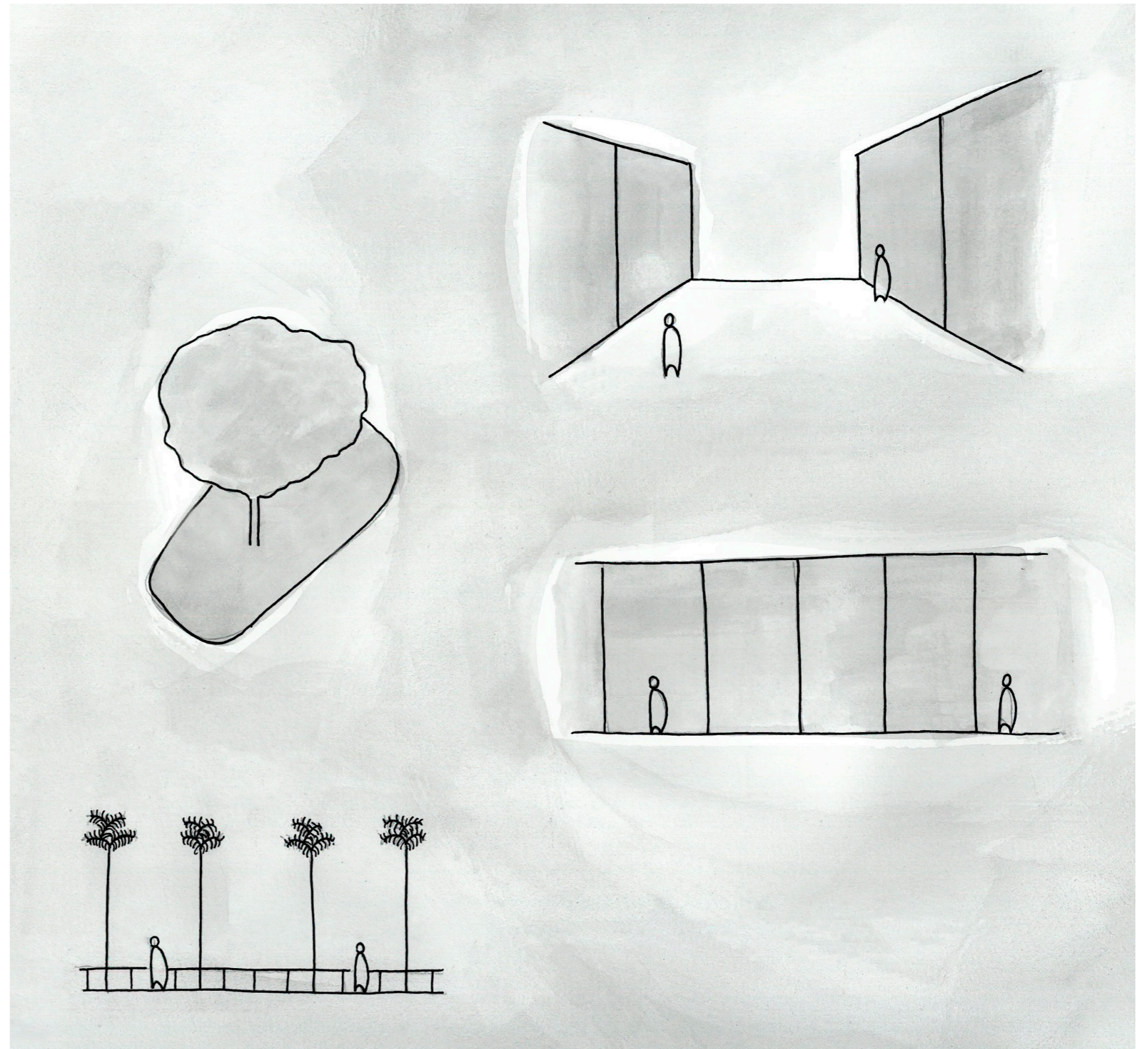
ESPAÇOS DE SUBCARGA

Assim como espaços com exagerada quantidade de informação causam danos nos usuários do espaço público e nas suas relações, locais com ausência total de estímulos também são prejudiciais à saúde humana. A subestimulação do ambiente pode ter consequências tão negativas quanto a sobrecarga, pois os indivíduos têm necessidade de estimulação, de complexidade, de novidade e de excitação nos espaços onde vivem (ARAGONÉS; AMÉRIGO, 1998).

O centro da cidade de Florianópolis, além de possuir espaços de sobrecarga, também possui espaços com pouca quantidade de informações e estímulos. A zona leste da Praça XV, devido a ser historicamente uma área periférica na dinâmica da cidade, durante o dia encontra-se bastante vazia. A ausência de comércios, de fachadas conectadas às ruas e de pessoas circulando de uma maneira geral produz uma atmosfera de desinteresse e alerta de perigo, e assim a zona praticamente só é usada como passagem.

A Avenida Hercílio Luz, embora esteja localizada a leste da Praça, possui uma dinâmica diferenciada do restante da área, possuindo alguns comércios que abrem durante o dia e mantém certa movimentação na região.

Outra região extremamente vazia durante o dia é o aterro da Baía Sul. Devido à priorização que foi dada aos veículos e ao tráfego rápido, o espaço não é qualificado para a permanência e utilização por pedestres. A percepção dos espaços urbanos varia de acordo com as diferentes formas de locomoção e a mobilidade através do automóvel não permite boa comunicação e troca entre os indivíduos e o espaço.



Fonte: Elaboração própria (2023)

COSTUMES

Os diferentes momentos da história de Florianópolis geraram transformações no centro da cidade que podem ser percebidas não apenas no seu espaço físico e nas alterações da paisagem, mas também nas relações sociais e no espírito do lugar.

A forte relação da cidade com o mar fazia dele não apenas pano de fundo, mas parte do cotidiano das pessoas. Os pescadores e seus barcos de pesca, presentes na centralidade na época em que havia proximidade entre o centro e o mar, distanciaram-se da região devido aos sucessivos aterros (CONCEIÇÃO; RIOS, 2021). Ainda existem núcleos de pescadores que resistem próximos à área central, mas a maioria se encontra em pequenos núcleos distantes dessa região, no sul da ilha, como Ribeirão da Ilha, e ao norte, como Sambaqui e Santo Antônio de Lisboa.

As novas relações econômicas de produção, o aumento da utilização de automóveis e os novos meios de comunicação contribuíram para a criação de um novo modelo de desenvolvimento da cidade. A dinâmica do centro, antes baseada na interação intensa entre os indivíduos, incorporou novos padrões de relação social pautados no distanciamento.

As bancas de jornal possuíam uma atmosfera distinta dos dias atuais. Embora ainda estejam presentes na região, não fazem parte do cotidiano da população como antigamente. A leitura de jornais na Praça XV foi substituída pela busca de informação através de aparelhos eletrônicos. Embora sejam atividades semelhantes, o espírito por trás delas é bastante distinto. Enquanto as bancas eram ponto de encontro e interação e a própria leitura do jornal gerava comunicação entre as pessoas, a conexão com os aparelhos eletrônicos é uma atividade bastante individual.

As bancas dos engraxates ao redor da Praça XV foram praticamente todas retiradas devido à diminuição da busca por esse serviço, existindo apenas algumas delas que ainda se mantêm presentes.

Figura 11 - Novos costumes



Fonte: Autoria própria (2023)

O artesanato também se modificou com o passar do tempo. Nos espaços públicos onde antes estavam presentes as rendas de bilro e as redes de pesca, hoje existe o artesanato de colares, pulseiras, pingentes e outras artes artesanais (CONCEIÇÃO; RIOS, 2021).

A permanência nos espaços do centro foi substituída pela circulação rápida. Os grandes calçadões são utilizados como conexão e não espaços de estar. Ocorreu um enorme crescimento na quantidade de estacionamentos na área central para abrigar a massa de carros que transportam as pessoas de maneira individual até o local.

Os costumes e atividades que ocorriam na centralidade foram se transformando e se adaptando às novas épocas. No entanto, de uma maneira geral, atualmente perdeu-se muito da interação e sociabilidade que estavam presentes nessas práticas, o que gerou uma grande alteração no espírito do centro de Florianópolis.

Além disso, o espaço do cotidiano também sofreu alterações para receber o fluxo cada vez maior de turistas, que não participam do dia a dia do centro e estabelecem um envolvimento puramente comercial com o lugar.

TURISMO

Os períodos de modernização de Florianópolis intensificaram a procura da ilha por pessoas de localidades distintas. A atividade do turismo ampliou-se e passou a gerar grande impacto social na cidade.

Os aspectos de valorização e preservação da cultura local tornaram-se secundários em relação ao turismo. As comunidades ribeirinhas e a pesca artesanal foram substituídas pelas moradias utilizadas durante a temporada e pelos serviços de apoio aos turistas. Embora inicialmente fosse uma atividade periférica, com o tempo, instigado pelos veículos de comunicação, o turismo tornou-se presente também na área do centro histórico (VAZ, 1992).

O crescimento do turismo na área central intensificou a demanda de comércio, serviços e lazer. O impacto foi percebido no aumento do congestionamento do tráfego e no adensamento do uso de espaços públicos. Os turistas utilizam a área de maneira sazonal. Eles não participam da vida urbana do centro da cidade, são apenas espectadores, no entanto, foram produzidas diversas alterações no espaço para melhor recebê-los. Embora tenham grande importância econômica para a cidade nos meses de verão, pouco participam nos meses de inverno, e toda infraestrutura produzida para eles permanece vazia nessa época do ano.

Os espaços do centro também sentiram outra alteração produzida para o turismo, que foi uma grande privatização das atividades de lazer. Atividades antes realizadas nos espaços públicos transferiram-se para espaços especializados. Com o tempo, o centro passou a ter formas de utilização bastante distintas direcionadas a públicos diferentes, sem integração entre si. Assim, surgiram duas faces contrárias: o centro da comunidade local e o centro do turismo.

MEDOS E INSEGURANÇAS

O distanciamento dos usuários no cotidiano da cidade também possui forte relação com os novos medos da sociedade atual. O medo dentro de uma sociedade muda de maneira semelhante ao medo de uma criança, pois com o transcorrer do tempo se torna mais sofisticado e complexo. A criança que ainda não tem noção dos perigos vive em um mundo de alegria e inocência. O crescimento cria novos riscos ao mesmo tempo que as torna mais conscientes dos perigos.

Antigamente, os medos do ser humano estavam muito baseados em ameaças físicas, como a natureza. Devido a esse medo comum, as relações sociais buscavam criar comunidades unidas capazes de ajudar na proteção. À medida que o ser humano aumentou seu poder sobre a natureza, ele passou a ser responsável por grande parte dos desastres naturais que ocorrem no mundo. O homem interferiu tanto no meio ambiente que agora um dos principais medos da sociedade são as consequências ambientais e climáticas de todas essas alterações realizadas por ele (TUAN, 2005).

A sociedade contemporânea é marcada por um mundo industrializado e globalizado e devido a isso o ser humano está muito mais consciente das incertezas da própria vida. Muitos dos medos atuais já existiam em épocas remotas, no entanto, agora eles tomaram escalas globais muito maiores e assustadoras. Atualmente somos bombardeados diariamente com possibilidades de catástrofes mundiais.

A globalização atingiu praticamente todas as esferas da sociedade e a partir dela ocorreu um grande crescimento populacional, ocasionando uma enorme diversidade cultural no ambiente urbano, o que impôs uma maior convivência com pessoas diferentes. As cidades tornaram-se, então, ambientes desorientadores.

A grande quantidade de pessoas, os ruídos e a desordem geram uma atmosfera de caos nos centros urbanos. No entanto, a maior ameaça percebida nas cidades atualmente são as próprias pessoas. Embora os seres humanos sejam capazes de criar ordem quando agem cooperativamente, o simples fato de juntar muitas pessoas em um espaço pode levar a uma situação que produz violência.

A possibilidade de convivência direta com pessoas extremamente diferentes é uma das maiores qualidades do espaço público, por permitir trocas de experiências distintas, no entanto também é sinônimo de incômodo para muitos. As relações sociais que antes causavam a sensação de segurança hoje causam receio. Atualmente os espaços urbanos se tornaram locais de medo, pois a convivência com a variedade de tipos humanos e de estilos de vida encontrados neles transmitem uma sensação de insegurança (BAUMAN, 2009).

Figura 12 - Área central Florianópolis



Fonte: Autoria própria (2023)

Antigamente, a convivência com o outro era comum no centro de Florianópolis. No entanto, devido a forma como ocorreu a urbanização da cidade, houve a setorização e homogeneização dos espaços da centralidade. As moradias foram quase totalmente retiradas do centro histórico e realocadas em condomínios fechados que possuem a função de proteção e monitoramento. Devido a essa setorização cada dia mais presente, as pessoas desaprenderam as habilidades necessárias para conviver com as diferenças. A sociedade, que era pública, centrou-se na intimidade. Ocorreu a ascensão de uma cultura narcisista e intimista onde os homens, com medo de construir relações sociais, encerram-se em pequenos círculos sociais identitários e somente os indivíduos que compartilham dos mesmos códigos de caráter são vistos com simpatia.

No espaço público, não existe controle constante como ocorre nos condomínios fechados. A presença nesse espaço é anônima e as pessoas que nele se encontram são desconhecidas. Essa falta de controle e o contato próximo com desconhecidos deixam as pessoas em estado de alerta, e como o espaço público contém a mais complexa expressão de diversidade, é nele que esses sentimentos mais afloram (BAUMAN, 2009).

A sensação de insegurança e a ideia de que existe ameaça em todo lugar estão cada vez mais presentes no espaço urbano atual. Devido a isso, ocorreu o crescimento da desconfiança nos outros indivíduos e nas suas intenções. Assim, gradualmente, ocorreu um distanciamento entre as pessoas no espaço urbano e a segregação tornou-se cada vez mais presente no cotidiano.

ARQUITETURA E CONTROLE

O medo que os usuários do espaço público possuem uns dos outros influencia e é influenciado pela arquitetura. Historicamente, as sociedades complexas, regidas por intrincados padrões comportamentais, buscaram maneiras de criar ordem e conter as parcelas da população que não se encaixavam nos padrões. Os líderes da sociedade utilizavam-se de dois métodos para impor a ordem: o exílio e a reclusão. O exílio excluía o perigo do corpo social e a reclusão o isolava em um único lugar, tornando mais fácil seu controle (TUAN, 2005).

Figura 13 - Proibição de uso Coreto Praça XV



Fonte: A autoria própria (2023)

No centro de Florianópolis, esses métodos foram utilizados desde o início da urbanização. A concentração da população mais pobre a leste da Praça XV e mais abastada a oeste fez-se presente desde a primeira organização espacial e intensificou-se com o passar dos anos. A partir dessa segregação, a população menos favorecida era excluída da dinâmica da centralidade, ao mesmo tempo em que era isolada em um único lugar, facilitando seu controle.

No entanto, nem sempre esses métodos são suficientes para controlar a utilização dos espaços, pois diversos usos resistem à tentativa de imposição dessa lógica. Nesse caso, outra estratégia bastante presente nas sociedades e no centro de Florianópolis é o processo de gentrificação. A transformação da paisagem urbana é realizada através da proposição de degradação de espaços, que cria paisagens de abandono e insegurança, e possibilita posteriormente a justificativa de sua requalificação. A valorização da área urbana, ao invés de criar melhorias no espaço para a população que o utiliza, na realidade, serve como forma de alterar os usuários do local.

O espaço público deveria ser projetado para todos, no entanto, há uma tendência na cidade de revitalização de espaços que gera a expulsão de uma parcela da população. Essa exclusão não ocorre de maneira explícita e é realizada a partir da privatização dos espaços. À medida que a utilização de um espaço público depende do consumo no local, impossibilita seu uso por aqueles que não possuem meios econômicos suficientes. Dessa forma, as tendências de revitalização criam espaços esteticamente agradáveis, mas que são privilégio de poucos. E, assim, o direito à utilização dos espaços públicos passa a ser apenas dos usuários para quem esses locais foram revitalizados e não da comunidade como um todo.

MERCADO PÚBLICO

O Mercado Público é um local historicamente com uma dinâmica de troca e encontro da população. Durante anos esse espaço foi palco de expressões populares e tinha uma concentração democrática dos moradores locais.

No ano de 2016, foi construída uma cobertura para o vão central do Mercado que alterou sua dinâmica. O espaço que era muito utilizado por todos passou a ser todo ocupado por mesas e cadeiras de restaurantes e lanchonetes, nas quais só é possível sentar caso seja consumido algo. A cobertura que foi realizada com a justificativa de suportar adequadamente feiras temporárias, apresentações culturais, festividades, projeções e desfiles, na realidade, transformou um espaço público em privado.

O espaço, antes convidativo e usado inclusive como circulação, hoje barra sua entrada com mesas e cadeiras. Os corredores formados nas laterais do ambiente são muito estreitos e servem basicamente para que seja realizado o trajeto até alguma mesa de restaurante.

Figura 14 - Mercado Público



Fonte: A autoria própria (2023)

Figura 15 - Espaço revitalizado no Largo da Alfândega



Fonte: Autoria própria (2023)

LARGO DA ALFÂNDEGA

O Largo da Alfândega foi revitalizado em 2020. Parte do projeto foi a alteração de algumas construções antigas e a construção de uma grande cobertura vazada e um deck de madeira.

A proposta, embora seja elegante esteticamente, não consegue se conectar com a dinâmica da centralidade. Ao serem introduzidos bares e cafés, e ser adicionado um deck distante do chão da rua, criou-se um afastamento entre essa área e o restante do Largo da Alfândega. Além disso, assim como no Mercado, a utilização da área passa a estar associada ao consumo nesses estabelecimentos. Assim, esse espaço, que anteriormente possuía um uso público e concentrava uma parte da população de baixa renda, agora se assemelha muito a um ambiente privado.

Da mesma maneira como ocorreu no Mercado Público, a “melhoria” realizada no espaço alterou a sua forma de utilização e o público presente na área. Com um forte apelo à cultura açoriana, mas distante do cotidiano da população, o local parece ter sido projetado para os turistas e seu deck encontra-se constantemente vazio durante a semana, enquanto ao seu redor existe intenso movimento de pessoas.

O espaço do Largo da Alfândega, por possuir uma simbologia tão importante para a cidade, também foi palco de outras formas de apropriação. Batalhas de rap eram realizadas toda semana nesse espaço durante a noite, no entanto, inúmeras foram as tentativas por parte do poder público de expulsar essa manifestação cultural por considerar seu uso problemático.

Outra apropriação espontânea recente que ocorreu na região foi realizada por skatistas. Eles utilizavam o grande espaço e os bancos do local para realizar a prática do esporte. Novamente a utilização foi reprimida e proibida por não ser considerada apropriada para o local. Posteriormente a atividade foi “permitida” novamente, em horários específicos que praticamente impossibilitam sua realização.

Figura 16 - Limitação horários de uso skate



Fonte: Autoria própria (2023)

CENTRO LESTE

A área a leste da Praça XV está, atualmente, em processo de sofrer esse mesmo tipo de revitalização. A proposta conecta-se com a “requalificação” do Mercado Público e do Largo da Alfândega e busca “transformar a área em um polo de inovação voltado ao turismo, gastronomia, artes, design e tecnologia” (VIA, 2017).

A região historicamente foi o espaço da população com menor renda do centro e, devido a isso, recebeu pouca atenção por parte do poder público. Assim, o descaso e interesses especulativos produziram uma imagem de degradação, criando uma paisagem insegura que justificaria sua revitalização. No entanto, enquanto na mídia a região é tratada como um espaço sem uso, ela possui uma utilização intensa durante a noite, principalmente pela parcela da população considerada fora dos padrões da sociedade.

A requalificação dessa região não busca incentivar e potencializar o uso já presente no local e sim substituir por um “mais apropriado”, assim como ocorreu nos demais espaços. Novamente aqui vemos a busca por um direcionamento na população que vai usufruir da área e os privilégios de uso do espaço público sendo concentrados em um público seletivo.

Figura 17 - Rua do centro leste



Fonte: Autoria própria (2023)

EQUIPAMENTOS URBANOS

Figura 18 - Banco redondo na Rua Felipe Schmidt



Fonte: Autoria própria (2023)

Além de espaços que produzem a segregação e a exclusão de uma parte da população, também estão presentes no centro equipamentos que são de uso público, mas que, no entanto, potencializam o isolamento ao invés da inclusão de seus usuários.

Na Rua Felipe Schmidt, local onde diariamente transitam muitas pessoas, foram construídos alguns bancos redondos de pedra fixos. Esses bancos, além de desconfortáveis, obrigam o usuário a sentar de costas para outras pessoas. Dessa forma, além de intensificarem o isolamento, por dificultar a interação entre seus usuários, esses bancos potencializam o medo e a insegurança por obrigar as pessoas a se sentarem próximas, mas completamente fora do campo de visão umas das outras.

Na Praça Fernando Machado, existem bancos que produzem sensações similares pois possuem a mesma organização espacial, com a única diferença que, em seu interior, possuem pequenos canteiros com árvores.

O PAPEL DO ARQUITETO

As reflexões sobre os espaços desqualificados encontrados no centro levantam o questionamento de para quem estão sendo projetadas as cidades atualmente. Isso porque diversas apropriações espontâneas estão sendo reprimidas e espaços de uso de parcelas menos favorecidas da população estão sendo transformados para introduzir um novo uso, ou falta dele, mais “apropriado” para os espaços públicos.

A tendência de “melhoria” dos espaços de uso público tem dificultado a apropriação popular desses locais, transformando-os em espaços vazios que promovem o isolamento social. Esses novos espaços reforçam a tendência de aversão ao diferente da sociedade atual e são incapazes de gerar bem-estar suficiente para desconectar os usuários do espaço urbano de seus ambientes estressantes.

Como quase arquiteta, pergunto-me o quanto nós estamos sendo responsáveis pelas desigualdades que criticamos nos espaços públicos e o quanto estamos reforçando as desigualdades da sociedade atual. Questiono se estamos realmente pensando na população como um todo no momento de projetar ou direcionando o direito aos espaços qualificados da cidade a apenas uma pequena parcela.

A vida urbana é ambivalente. Quanto mais heterogênea for a cidade, maiores serão seus atrativos, assim como terá uma maior quantidade de potenciais riscos. Através dos projetos realizados no espaço público, é possível potencializar a integração dos cidadãos, sendo papel do arquiteto criar espaços pertencentes a todos. Através da geração de ambientes de encontro, os espaços públicos podem se tornar locais de aprendizagem de convivência harmônica em sociedade ao invés de lugares de medo e insegurança.

A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO

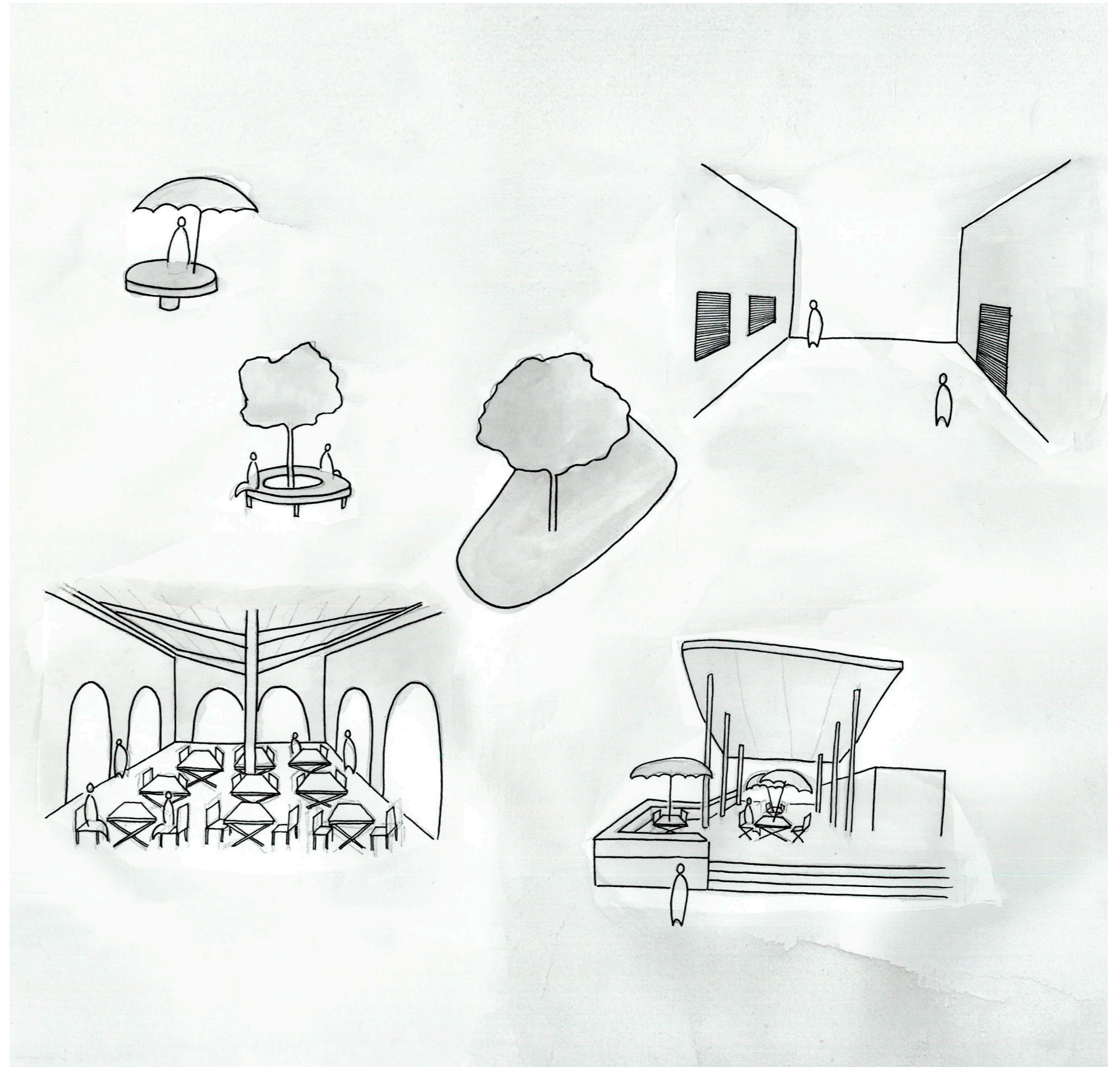
As distintas zonas do centro de Florianópolis, o medo dos outros indivíduos e os espaços que potencializam a exclusão e o isolamento geram uma atmosfera de constante estresse e alerta nos usuários do espaço público. Seja pelo excesso de informação, completa falta de estímulos ou sensação de insegurança por conviver com estranhos, as pessoas que frequentam o centro tendem a se adaptar a essas situações diminuindo as possibilidades de interação com o outro.

Ao contrário do restante da população, as crianças ainda não possuem a dificuldade de convívio com estranhos, nem são tão suscetíveis aos estressores ambientais, por possuírem um olhar mais curioso e isento de preconceitos sobre os espaços e as pessoas presentes nele. À medida que a criança cresce, a interpretação dela sobre o espaço acaba sendo influenciada por suas experiências e seus problemas do dia a dia, fazendo com que ela perca o olhar sensível. Assim, as desigualdades do ambiente começam a ser percebidas, produzindo efeitos negativos na forma de interpretar e vivenciar o espaço.

Esse olhar menos suscetível ao estresse não existe apenas nas crianças. Ao retornar à área central durante a disciplina de Projeto Arquitetônico 7, reencontrei um olhar similar ao da criança. Devido à estimulação de um olhar mais curioso, voltei a possuir uma visão menos influenciada pelos estressores e ter uma vivência alegre no centro. A interpretação dos espaços está relacionada com o astral e a disposição da pessoa. Dependendo do estímulo que levou a pessoa ao lugar ou seu estado de espírito, a percepção do espaço se modifica.

A quantidade de pessoas e informações existentes no espaço urbano não é passível de muita modificação, mas a percepção do espaço e a abertura das pessoas com os outros sim. A forma como são organizados os espaços urbanos pode reforçar ou enfraquecer os valores humanos, sendo importante pensar em maneiras de a cidade promover desenvolvimentos sociais harmoniosos. Sendo assim, a partir de uma motivação de experiência diferente no centro da cidade, talvez seja possível estimular os usuários do espaço público a vivenciar esse espaço com um olhar mais sensível.

Figura 19 - Espaços desqualificados



Fonte: Elaboração própria (2023)

(RE)DESCOBRIR O CENTRO DA INFÂNCIA

O centro de Florianópolis durante a minha infância, no início dos anos 2000, possuía para mim uma atmosfera de alegria e interação e tinha a Praça XV como ponto central de referência. No entorno da Praça, existiam diversas bancas de revista que eram espaços extremamente coloridos e divertidos. Em frente a elas, as pessoas conversavam sobre as notícias do jornal ou das revistas que estavam à venda. Outro local que visitávamos era a Livraria e Revistaria Joreli. Era o primeiro ponto que visitávamos por estar a leste da Praça XV. Do outro lado da Praça, estava o meu espaço favorito, a Livraria Catarinense. Recordo-me da sua entrada com grandes portas e vitrines, e um grande número de pessoas entrando e saindo. A entrada era bastante convidativa, parecia ser uma extensão da rua. No interior, diversos andares de livros e materiais de papelaria coloridos criavam uma atmosfera de curiosidade e diversão. Meu local favorito da Livraria era onde permanecia uma mulher que contava histórias para as crianças.

A região em frente à Catedral concentrava uma grande quantidade de pessoas, devido a feiras e apresentações de músicos que sempre ocorriam nesse local. Outro espaço que recebia músicos era o coreto no interior da Praça XV.

O Mercado Público acolhia muitas pessoas em seu vão central, com diversas lojas voltadas para ele. Nos corredores interiores do Mercado, a interação era constante, fosse para comprar comida e mercadorias, fosse apenas para conversar com outras pessoas.

A Avenida Hercílio Luz fazia parte do meu dia a dia durante a semana. Recordo da grande quantidade de vegetação, e de pessoas circulando ao redor do Rio da Bulha. O curso de água, embora nunca estivesse muito cheio, trazia um pouco da natureza para o interior da cidade.

Figura 20 - Espaços da infância



Fonte: Elaboração própria (2023)

O OLHAR CURIOSO

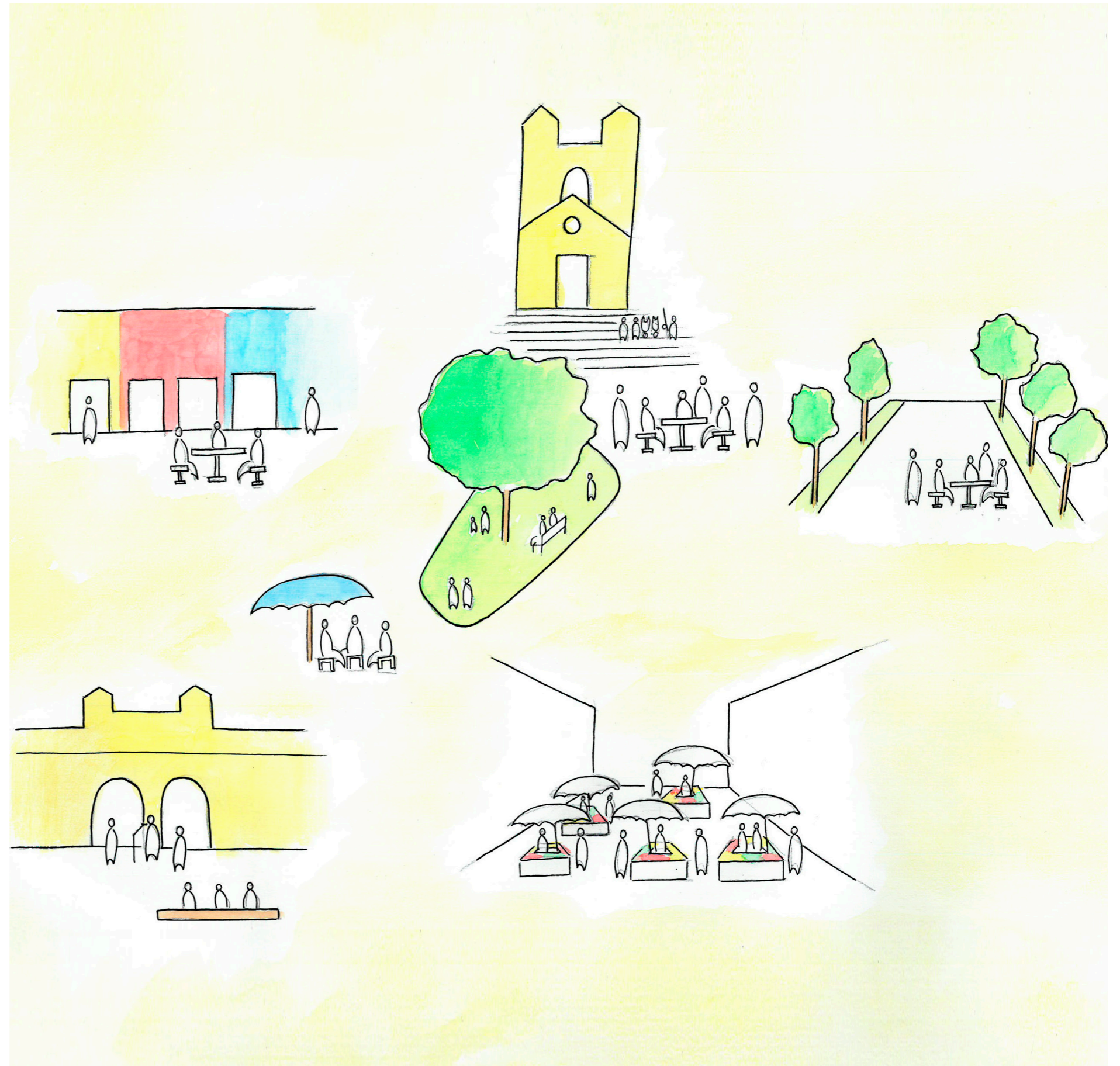
Para as vivências do centro, busquei resgatar um olhar curioso, livre de preconceitos e aberto às possibilidades presentes no espaço. Percorrer o centro da cidade com esse olhar sensível permitiu uma vivência mais próxima da minha infância. Os trajetos não possuíam um caminho predefinido, parte da experiência era me permitir ser surpreendida pelos percursos e ambiências que surgiam.

Ao ir à centralidade sem uma pré-concepção do espaço e sem o peso do estresse diário, os primeiros espaços percebidos eram sempre as ambiências qualificadas ainda presentes nessa área. Nesse processo, lugares que nunca haviam chamado a minha atenção surgiram como espaços extremamente agradáveis e felizes.

Os espaços que considero qualificados são lugares que permitem que os cidadãos se sintam pertencentes a ele, além de promoverem uma boa convivência entre seus usuários.

Essas ambiências chamavam a minha atenção porque as pessoas presentes nelas pareciam estar distantes da lógica frenética do centro da cidade. Embora muitas vezes os locais se encontrassem no meio de espaços aglomerados, existia uma atmosfera distinta, que parecia abstrair-se do estresse externo.

A proximidade a esses espaços possibilitou uma compreensão sobre eles a partir de trocas com seus próprios usuários. As conversas e observações realizadas durante esse processo me possibilitaram uma visão diferente da cidade que vivi quase toda a minha vida.



ESPAÇOS QUALIFICADOS CONVIVER

O primeiro espaço do centro que despertou grande interesse foi a área com mesas de jogos no Largo da Catedral. Esse local gerou muita curiosidade pois, embora não possua um espaço físico qualificado, tinha sempre uma grande concentração de pessoas.

O espaço físico das mesas de jogos é composto por mesas de xadrez de pedra com quatro bancos cada uma também de pedra ao seu redor, sendo que algumas delas possuem um quinto banco mais alto, provavelmente para um possível juiz da partida. Observando apenas o espaço físico não era possível compreender o motivo pelo qual tantas pessoas se reuniam ali todos os dias, considerando que ele não possuía muitas qualidades.

Para melhor entender os motivos pelos quais esse espaço era tão procurado, conversei com seus usuários e no decorrer das conversas surgiram observações interessantes.

O espaço já é frequentado por eles há muitos anos e não é necessário que seja marcado horário para o encontro pois os horários em que há movimento já estão bem definidos.

A grande maioria dos usuários são homens aposentados que encontram nesse espaço atividades pro seu dia.

Os jogos realizados são simples passatempo, o motivo principal de eles se reunirem nesse local é para encontrar os amigos e ter pessoas para interagir.

O espaço físico poderia ser melhorado, mas não sabem explicar como.

Figura 22 - Mesas de Jogos no Largo da Catedral



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 23 - Bancos em frente ao Senadinho



Fonte: Autoria própria (2023)

A sombra e a música que costumam ter nessa área são partes importantes da atmosfera desse lugar.

Na Rua Felipe Schmidt, existem mesas de jogos semelhantes. Ao interagir com seus usuários para entender o porquê do uso do espaço, as respostas foram similares às anteriores.

Frequentavam o lugar pois já é costume e o espaço possui um horário definido de maior movimentação.

O uso da área iniciou há muitos anos quando existia, próximo ao local, o Café Senadinho.

O Café era muito movimentado e a área à sua frente estava sempre cheia. Esse local era um ponto de encontro de referência na cidade antigamente, e devido a isso, embora o Café não exista mais, o hábito de frequentar esse espaço se manteve até hoje.

Próximo a essas mesas de jogos, existem alguns bancos semicirculares com um grande guarda-sol. Esse espaço também costuma ser bastante utilizado e fica exatamente em frente ao antigo Café Senadinho. Embora não exista o pretexto dos jogos, os motivos pelos quais os usuários vão nesse espaço são similares aos outros.

O local é utilizado por homens aposentados que buscam interação e descontração no seu dia a dia.

Assim como nas mesas de jogos, a movimentação no lugar iniciou devido ao Café Senadinho e mesmo após seu fechamento permaneceu no local.

Figura 24 - Mesas de Jogos na Av. Hercílio Luz



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 25 - Mesas de Jogos na Rua Felipe Schmidt



Fonte: Autoria própria (2023)

Existem também mesas de jogos na alameda da Hercílio Luz. Essas mesas são menos usadas de maneira geral, no entanto, algumas possuem usuários diários.

Os usuários do espaço são homens aposentados que, em sua maioria, residem nas imediações do local. Durante as manhãs, eles saem de suas casas e se encontram nas mesas em busca de interação e convivência.

Também me contaram como cada uma das mesas do centro possui um tipo de utilização específico. Enquanto as mesas onde eles estão são de jogos de dominó, nas mesas do Largo da Catedral concentram-se os jogos de cartas, e as mesas da Rua Felipe Schmidt são mais procuradas para jogos de xadrez.

Todos os espaços possuem forte conexão com a história do lugar e a sedimentação de hábitos antigos. As mesas no Largo da Catedral encontram-se em um espaço fundamental da história da cidade, que sempre foi local de interação entre a população. As mesas da Rua Felipe Schmidt e os bancos próximos a elas estão localizados em um espaço que por anos também foi sinônimo de integração devido ao Café Senadinho. Da mesma maneira, as mesas da alameda da Hercílio Luz também estão em uma área que possui um histórico de encontro da população da ilha.

A dinâmica desses espaços foi criada com o tempo, e embora agora algumas pessoas não estejam cientes da história dos locais, elas percebem a atmosfera deixada por seu uso ao longo dos anos. Sendo assim, a memória afetiva do lugar tem extrema importância para a criação da energia integrativa presente nesses espaços.

No entanto, somente a atmosfera agradável não é suficiente para manter os usuários no local, pois os espaços físicos necessitam ser minimamente qualificados. Embora, em muitos casos, os usuários se adaptem aos lugares desqualificados, como, por exemplo, colocando papelão para não sentar sobre a pedra gelada ou panos sobre as mesas com elásticos para prender as cartas, existem alguns aspectos que impossibilitam o uso desses espaços. As mesas da Rua Felipe Schmidt, por exemplo, recebem sol durante grande parte do dia, o que as deixa desagradáveis para o uso. Devido a isso, os jogadores se reúnem nesse espaço somente a partir das 16h.

Outro ponto importante para a utilização do equipamento é que, devido ao fato dos seus usuários estarem buscando interação humana, os espaços de jogos mais utilizados estão sempre em locais movimentados da cidade.

Além disso, embora os jogos em si não sejam o motivo principal do encontro, a organização espacial das mesas de jogos possibilitam uma intensa interação entre seus usuários por estarem todos frente a frente em uma espécie de círculo, assim como os bancos em frente ao Senadinho.

Existem outras mesas de jogos semelhantes no centro de Florianópolis, no entanto apenas algumas possuem um uso frequente. A apropriação do espaço pelos usuários depende de inúmeros fatores, não apenas da qualidade ou desqualidade física deles, mas da possibilidade de criação de ambientes agradáveis. Dessa forma, é perceptível como apenas o equipamento não é capaz de definir o uso do espaço, ele pode apenas potencializar uma qualidade já latente no lugar.

INTERAGIR

Outro espaço qualificado percebido foi a ambiência em frente a um quiosque de comida na Praça Fernando Machado, onde uma funcionária e outras mulheres que se encontravam no local conversavam. Esse espaço, diferente das mesas de jogos, não possuía uma disposição fixa do mobiliário. Os bancos de plásticos onde elas estavam foram organizados por elas mesmas. Novamente o espaço físico não parecia muito confortável, no entanto, permitiu uma atmosfera de interação e descontração. O ambiente parecia romper com a lógica de trabalho e compras do centro e ser um local de pausa no meio do estresse.

A possibilidade de adaptação dos bancos do quiosque permitiu que fossem dispostos da maneira que melhor potencializasse o uso desejado. É interessante perceber como os bancos desse local, por serem móveis, poderiam ter sido dispostos de qualquer maneira, no entanto, seguiram a mesma lógica das mesas de jogos e bancos do Senadinho, sendo organizados formando um círculo central permitindo o diálogo frente a frente entre seus usuários. Esse espaço também possuía uma cobertura que protegia as pessoas do sol forte do dia e criava um ambiente mais aconchegante.

No local onde atualmente existe a Praça Fernando Machado, existia o antigo mercado público. Dessa forma, novamente o espaço possui forte relação com a história da cidade e com a sedimentação de um espírito de interação e descontração. Embora o mercado antigo não exista mais, esse espaço, além de possuir quiosques de comida, frequentemente recebe feiras, mantendo a tradição de ser um local de trocas e convívio entre seus usuários.

Figura 26 - Quiosque na Praça Fernando Machado



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 27 - Roda de Capoeira escadaria da Catedral



Fonte: Autoria própria (2023)

CONFRATERNIZAR

Ao experienciar o centro da cidade no sábado, também foi possível encontrar um espaço muito qualificado que não estava presente no dia a dia. A escadaria da Catedral transformou-se em um palco de interações humanas a partir da realização de uma roda de capoeira em um de seus patamares. A atividade promoveu um ambiente agradável de confraternização e integração. Era um espaço convidativo que parecia incluir qualquer pessoa que estivesse disposta a participar.

Ao redor da roda, diversas pessoas se concentraram para ver a capoeira e interagir nesse espaço democrático. O ambiente criado era muito agradável e a geração de um espaço convidativo aproximou as pessoas que passavam no local.

A roda de capoeira possui uma estrutura circular assim como os demais espaços qualificados estudados. No seu entorno, as pessoas se acomodavam de forma que todos pudessem observar sem atrapalhar os demais. O espaço da escadaria era interessante pois, embora fosse fixo, possuía distintas possibilidades de escolha de acomodação. Enquanto algumas pessoas observavam de pé no platô ou se debruçando sobre a balaustrada superior, outras se sentavam nos degraus ao lado, que formavam uma arquibancada natural.

Novamente a localização escolhida possui um valor histórico de grande referência para a cidade, sendo ponto de encontro de seus habitantes. A área em frente à Catedral sempre propiciou a concentração de muitas pessoas e possibilitou a interação entre elas.

DESCONTRAIR

Em algumas das vivências no centro, também encontrei uma ambiência bastante qualificada que não possuía um espaço físico bem definido. O espaço era motivado a partir de um cover do Roberto Carlos em frente ao Mercado Público.

Ao observar esse homem com seu microfone e caixa de som, percebi como esse simples gesto tinha criado um ambiente de pausa e descanso no seu entorno. Ao seu redor, diversas pessoas paravam para observar e interagir nesse espaço.

Existe uma grande diferença entre os diversos sons que existem no centro da cidade. Muitas lojas colocam grandes caixas de som em sua fachada, que tocam músicas em volumes muito altos e transmitem sensações de invasão e incômodo, ao invés de transmitirem bem-estar. Creio que isso se passa pois a função desse som é apenas de chamar atenção, é um ruído, que tem como único objetivo trazer clientes para dentro da loja. Já nos sons dos músicos, o foco é na música e em transmitir alegria para as pessoas, fazer com que elas gostem do som para assim talvez retribuir com ajuda financeira.

O intuito, a intensidade e a energia postos nessas ambiências são completamente diferentes. Dessa forma, embora ambos sejam sons, alguns são música que criam ambientes agradáveis e incentivam a interação entre as pessoas enquanto outros são ruídos que invadem o espaço pessoal causando estresse.

Outro ponto interessante desse espaço foi a escolha da sua localização. O cantor estava em frente ao vão central do Mercado Público, mas de costas para ele. As pessoas que interagiam com ele, criando esse espaço agradável, estavam sentadas em bancos públicos à sua frente, do lado de fora do Mercado.

Figura 28 - Cover Roberto Carlos em frente ao Mercado



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 29 - Feira do Largo da Alfândega



Fonte: Autoria própria (2023)

A dinâmica que existia dentro do Mercado antes da sua cobertura, de certa forma, encontra seu espaço do lado de fora dele, numa área realmente pública do centro. As pessoas interessadas nessa integração se adaptaram aos bancos presentes no espaço e o cantor escolheu sua localização de forma a criar um ambiente interativo entre público e plateia.

INCLUIR

Em todas as caminhadas no centro, a feira que ocorre no Largo da Alfândega estava sempre bastante movimentada. Ela promove um espaço muito democrático no qual é possível perceber pessoas de todas as raças, gêneros e idades. Os indivíduos que frequentam esse espaço interagem entre si com o propósito da compra, mas de uma maneira mais leve e dinâmica do que ocorre no restante da centralidade.

As feiras são, historicamente, espaços de troca e interação social nas cidades. A dinâmica que elas proporcionam vai além de um comprar e vender com o objetivo do lucro. Esses espaços estimulam uma partilha de bens e valores culturais. A coexistência de música e apresentações de mágica e teatro foi uma constante ao longo da história, o que evidencia a estreita relação entre economia e cultura popular presente nesse espaço.

A feira está ao lado da nova construção do Largo da Alfândega e a diferença entre a dinâmica dos dois espaços é extremamente perceptível. Enquanto o espaço da feira é inclusivo e estimula a integração, o outro promove o distanciamento e o direcionamento de um tipo de público específico.

DIVERTIR

Além da grande quantidade de espaços qualificados presentes no centro de Florianópolis durante o dia, a região também possui uso intenso e qualificado durante a noite. Os espaços com uso dinâmico da centralidade à noite se concentram mais no lado leste da Praça XV. A alameda da Hercílio Luz, onde durante o dia se encontram os usuários nas mesas de jogos, durante a noite se torna palco de ainda mais interação.

A Avenida Hercílio Luz ao longo dos anos foi cenário de diversas revitalizações que buscavam modificar a utilização do espaço. No início da urbanização da ilha, a parcela menos favorecida da população foi direcionada para essa área; no entanto, na década de 1920 foi realizado o saneamento do Rio de Bulha, que produziu a valorização da região e a expulsão da população pobre presente no local.

Atualmente está ocorrendo o processo de reapropriação desse espaço pelos antigos usuários do local. A região, que historicamente foi utilizada por pessoas de renda mais baixa, atualmente produz espaços de inclusão e tolerância. Apesar da tentativa cada vez mais intensa de expulsão de uma camada da população desse espaço através de “melhorias” na região, o uso democrático resiste.

Ao longo da alameda, estão presentes bares com públicos bastante distintos, mas todos convivendo de maneira harmoniosa. É interessante ressaltar, no entanto, que, embora existam bares sofisticados na região, a grande maioria dos estabelecimentos são de uso popular, o que vai na contramão da lógica do poder público de pressionar todos os espaços a serem mais elitizados.

Em todo o calçadão central são dispostas diversas mesas de bares. Embora elas ocupem grande parte da alameda, não impossibilitam a utilização do espaço público por pessoas que não estejam consumindo. Devido a isso, além das pessoas sentadas às mesas, há sempre uma grande quantidade de usuários do espaço em pé no local. Os bares da região integram a rua sem monopolizar seu uso.

Figura 30 - Espaços qualificados da noite



Fonte: Elaboração própria (2023)

Figura 31 - Rua Victor Meirelles de noite



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 32 - Travessa Ratcliff de noite



Fonte: Autoria própria (2023)

INTEGRAR

Na rua Victor Meirelles, à noite, funcionam diversos bares que reúnem uma grande quantidade de pessoas. A partir da colocação de mesas na rua, assim como ocorre na alameda da Hercílio Luz, o local se transforma e recebe uso intenso e dinâmico.

Além de ser um espaço de muita interação, é também um espaço de muita inclusão. Nele estão presentes estabelecimentos que acolhem a diversidade. O público da região é muito variado, existindo uma grande diversidade de idades, gêneros, ideologias e grupos sociais.

A inclusão da região é percebida inclusive na temática dos bares. Enquanto a Kibelândia é um bar mais tradicional, ao seu lado existe um restaurante de comida vegana e do outro lado o Taliesyn, bar de rock. Além disso, é interessante perceber como, embora existam alguns bares mais sofisticados na área, o uso intenso se concentra nos mais populares.

Da mesma maneira como ocorre na alameda da Hercílio Luz, as mesas que são dispostas na rua não impedem a utilização do espaço por aqueles que não desejam consumir nada. Outro ponto interessante é que as mesas são utilizadas por pessoas de todos os bares, sendo um espaço que promove a integração por não haver uma clara distinção de qual público deve usar qual área.

A forma de utilização dessa região atualmente também possui forte relação com a memória do lugar. O local não sofreu a elitização que ocorreu em diversos outros pontos da cidade; dessa forma, sempre foi um espaço de integração e inclusão entre as parcelas consideradas “fora do padrão” pela sociedade.

ENTRETER

O clima durante a noite é semelhante na Travessa Ratcliff. Esse ambiente de descontração é movido pela música e a pequena rua é preenchida por pessoas devido, especialmente, ao Samba da Travessa, promovido pelo bar Canto do Noel.

Novamente, embora existam diversas mesas na rua dos restaurantes presentes na Travessa Ratcliff, o número de pessoas em pé e transitando no espaço é ainda maior. O espaço é extremamente divertido e inclusivo e qualquer pessoa que queira pode permanecer no local.

Esse espaço considerado degradado e sem uso pelo poder público é, na verdade, um dos pontos com maior movimentação e torna a região central agradável durante a noite. Enquanto os bares sofisticados da área leste se fecham em si através de espaços sem relação com a rua, selecionando a entrada do público, os bares da Travessa apropriam-se do espaço público incluindo qualquer pessoa.

A energia presente na Travessa se estende para todo seu entorno, e a rua Tiradentes se encontra também cheia de gente, assim como diversas outras ruas adjacentes. Através desses inúmeros espaços inclusivos e de integração presentes no centro leste de noite, a região como um todo é transformada em um local de convívio e diversão.

Existem vários outros espaços não citados na área leste que compartilham dessa energia positiva e transmitem essas mesmas qualidades. A vivência nessa região me permitiu uma percepção do espaço contrária ao que é muitas vezes divulgado pela mídia. Ao invés de um local degradado e inseguro, encontrei uma área de muita interação que resiste à lógica de criação de espaços de exclusão e isolamento.

QUALIDADES ESPACIAIS

A conservação de espaços públicos qualificados no centro de Florianópolis é fundamental para possibilitar um convívio mais harmônico em sociedade. A partir das vivências e reflexões sobre esses ambientes, foi possível identificar as principais qualidades presentes neles que proporcionam uma atmosfera agradável entre seus usuários.

Os espaços considerados qualificados são locais que pertencem a todos. Eles se contrapõem à dinâmica cada vez mais segregadora das cidades e promovem a boa convivência entre as pessoas e a **INCLUSÃO** de todos. É importante salientar, no entanto, que a aparente convivência harmoniosa possui contradições. Durante as vivências, percebi como alguns indivíduos traziam consigo diversos preconceitos que estão enraizados na sociedade, e o fato de o espaço permitir a utilização de todos não era considerado, por eles, algo positivo. Entretanto, embora algumas pessoas se sentissem incomodadas com a presença de um público diversificado, não havia a tentativa de expulsão ou impedimento de utilização desses espaços, e assim os indivíduos tinham a **LIBERDADE** de utilizar o local se desejassem. Através da arquitetura, não é possível impor relações harmônicas entre as pessoas, mas sim incentivar o respeito e a tolerância através da criação de espaços de **CONVIVÊNCIA** com a diversidade.

Embora a cidade, da forma como ocorreu a urbanização, tenha influenciado negativamente na abertura das pessoas umas com as outras, alguns espaços preservaram a capacidade de estimular a busca por **INTERAÇÃO**. Essa atmosfera de interação pode ser intensificada através da descontração. Os espaços descontraídos e com atmosferas desconexas do estresse urbano não seguem a lógica de consumo da centralidade e possuem a capacidade de criar momentos de pausa em relação ao ritmo acelerado do centro. Fosse o pretexto dessa **DESCONTRAÇÃO** jogos, música, descanso do trabalho ou atividades culturais, o resultado eram espaços de diversão e interação.

A possibilidade de se distrair e desconectar do entorno exaustivo impulsionava as pessoas a buscar o contato com outros. Os espaços qualificados se contrapõem à segregação de atividades produzida no centro, focada quase exclusivamente no comércio. São justamente pontos de descompressão em meio ao estresse urbano. Os locais possuem **INTEGRAÇÃO** com a dinâmica da cidade, porém com uma atmosfera de alegria e convívio harmônico distinto do existente nas ruas.

Nos espaços qualificados encontrados no centro, a **ORGANIZAÇÃO** espacial sempre potencializava a interação entre seus usuários. Fosse em formato de roda ou de palco, os indivíduos estavam sempre frente a frente. Não havia barreiras no caminho desses locais, sendo abertos à utilização de todos. Além disso, esses espaços possibilitavam a **ADEQUAÇÃO** e reordenação física necessária para as diferentes formas de apropriação desejadas. De maneira oposta, os espaços que se encontravam vazios possuíam uma organização de distanciamento, pois deixavam os indivíduos de costas uns para os outros, ou criavam barreiras que selecionavam quem poderia utilizar o ambiente.

Existe também uma profunda relação entre os espaços qualificados presentes no centro atualmente e a história das apropriações desses lugares no passado. Quase em sua totalidade, os ambientes estavam em regiões da cidade que eram historicamente áreas com dinâmicas de troca e encontro da população. A **MEMÓRIA** da atmosfera de descontração e interação produzida nesses lugares ao longo dos anos criou um clima que se consolidou no tempo.

A criação de uma energia agradável também é intensificada através de **QUALIDADES SINESTÉSICAS**. Diversos ambientes descobertos tinham música como elemento importante para a criação das ambiências. Ela estava presente de diferentes formas, podendo ser desde som de fundo até organizadora do espaço, mas em todos os casos os sons auxiliavam na criação de atmosferas descontraídas.

SOBRE O PROJETAR

A partir das reflexões sobre as principais qualidades espaciais presentes nos espaços da centralidade, novamente penso no papel do arquiteto, em relação à forma como temos interferido na cidade.

Durante nossa formação, fomos muito estimulados a propor intervenções que alteram a dinâmica dos lugares, impondo programas que nem sempre condizem com as reais necessidades da população.

Percebi a necessidade de realmente compreender a realidade e a forma de apropriação já presente em cada lugar, ao invés de tomar decisões pautadas em análises distantes do cotidiano. Sendo assim, vejo o papel do arquiteto mais como potencializador das qualidades latentes nos espaços do que criador de dinâmicas novas, sendo muitas vezes nosso papel praticamente o de não atrapalhar.

A diferença entre melhorar o espaço e alterar a sua forma de apropriação é bastante complexa. Enquanto, em alguns casos, a revitalização já é realizada com o objetivo de alterar o público presente no espaço, em outros, apesar das boas intenções dos arquitetos, pode também provocar a exclusão.

No entanto, se melhorar os espaços sempre significasse alterar seus usuários, a parcela pobre da população nunca poderia viver em espaços qualificados. Existem melhorias que são sim necessárias, mas precisam ser pensadas e destinadas às comunidades que vivenciam o lugar.

Saber até que ponto interferir é uma decisão muito sutil e deve ser pautada a partir da compreensão da realidade vivenciada em cada espaço assim como da clareza do que a proposta está incentivando. O projeto deve servir como um potencializador dos usos e qualidades de cada lugar e um estimulador de encontros e trocas de seus usuários.

COMPARTILHAR CONVITE À REFLEXÃO

A instalação tinha o intuito de compartilhar as reflexões realizadas durante o trabalho de uma forma estimulante e divertida. Para isso, busquei que a forma de apresentação saísse um pouco do convencional e gerasse curiosidade nas pessoas do espaço público. Encontrei essa possibilidade através da criação de cubos, que mostrassem na sua superfície as distintas faces do centro.

A ideia dos cubos era, de uma maneira lúdica e divertida, mostrar os diversos espaços que encontrei no centro da cidade de Florianópolis e convidar seus usuários a também pensar sobre o espaço que vivenciam. Para que a minha interpretação das imagens fosse melhor compreendida, os espaços considerados desqualificados foram deixados sem cor, apenas em tons de cinza, enquanto nas imagens dos espaços qualificados mantive a coloração normal. Para direcionar as reflexões, também foram adicionadas perguntas nos cubos que, de certa forma, auxiliassem na sua compreensão. Além disso, foi deixado próximo aos cubos um cartaz com uma breve explicação sobre o que era o trabalho e o que o motivou.

Além do convite a pensar, os cubos também traziam um convite para que as pessoas compartilhassem suas maneiras de vivenciar o centro e os espaços de que gostavam. Essa partilha poderia ser feita através de palavras e desenhos nos cubos que tinham espaços em branco e canetas à disposição, ou através de conversas comigo. Foram construídos 3 cubos que se relacionavam com os três momentos do trabalho.



Fonte: A autoria própria (2023)

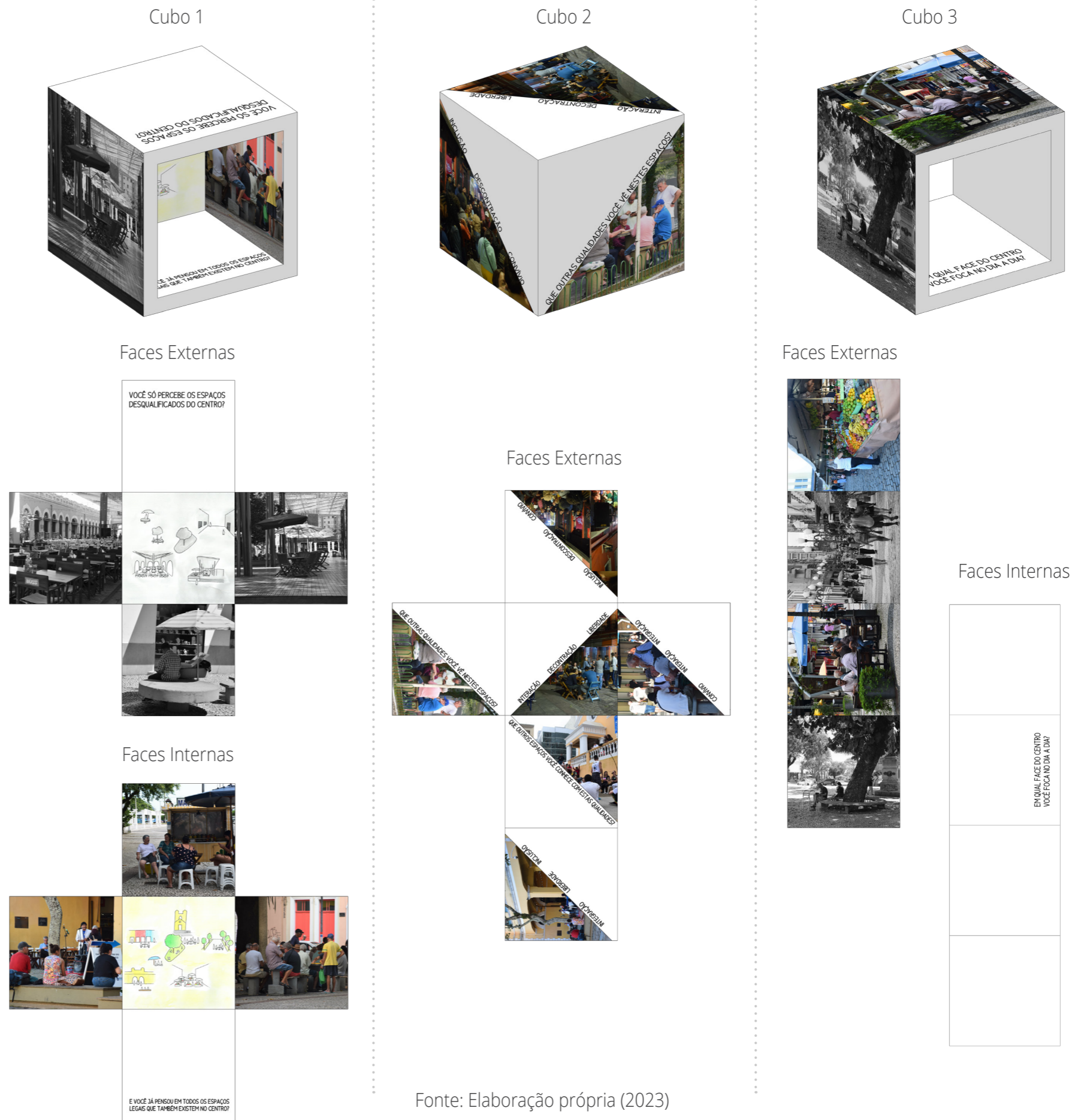
OS CUBOS

O Cubo 1 possui uma abertura que permite sua visualização interna. Nas faces exteriores estão um mapa dos espaços que considero desqualificados do centro, assim como imagens de alguns deles. No espaço externo em branco, está escrita a pergunta: "Você só percebe os espaços desqualificados do centro?". Na parte interna do Cubo 1, foram colocados um mapa com os espaços qualificados e suas respectivas fotos. Na parte interna, também existe uma face em branco com a pergunta: "E você já pensou em todos os espaços legais que também existem no centro?". O intuito desse Cubo é evidenciar os espaços de segregação e exclusão presentes na centralidade e, ao mesmo tempo, mostrar como, apesar de existirem espaços desqualificados, ainda existem muitos outros espaços interessantes na área.

O Cubo 2 é completamente fechado e suas faces estão cobertas de fotos de espaços positivos divididos na diagonal. Nessas diagonais, estão escritas algumas das qualidades percebidas nesses espaços durante o trabalho, assim como duas perguntas: "Que outras qualidades você vê nestes espaços?" e "Que outros espaços você conhece com estas qualidades?". O intuito é mostrar como todos os espaços do Cubo, embora bastante distintos, possuem diversas qualidades em comum. Além disso, ele traz o convite para que as pessoas pensem sobre outros espaços nos quais elas vivem e as qualidades que elas consideram importantes neles.

O Cubo 3 não possui duas faces, sendo possível olhar através dele. No seu exterior, foram colocadas fotos de espaços qualificados e desqualificados e, no seu interior, encontra-se a pergunta: "Em qual face do centro você foca no dia a dia?". A pergunta foi colocada no interior para que seja vista enquanto a pessoa segura o Cubo 3 e enquadra alguma área do centro, direcionando a reflexão. A ideia desse Cubo é mostrar como existem espaços positivos e negativos no centro, mas a percepção da área depende do olhar de cada pessoa e em quais espaços ela busca prestar atenção no cotidiano.

Figura 34 - Os Cubos



Fonte: Elaboração própria (2023)

A PARTILHA

Os cubos foram dispostos nos espaços qualificados e desqualificados identificados durante o trabalho. Em alguns momentos, fiquei distante da instalação, apenas observando a interação que as pessoas teriam com ela, enquanto em outros permaneci próximo à instalação, explicando aos interessados sobre as diversas ambiências e outros assuntos relacionados às suas vivências do cotidiano.

SENADINHO

Quando passei próximo aos bancos do Senadinho com meus cubos, fui logo convidada a me sentar para explicar e conversar sobre o que eram eles. Quando mostrei a foto que tirei desse espaço, todos rapidamente reconheceram seus amigos nas imagens e os chamaram para ver a instalação. Além de identificar o espaço onde estavam, eles também identificaram diversos outros espaços presentes nas fotos. Durante a conversa, surgiram diversos comentários interessantes sobre os espaços presentes nos cubos além de muitos outros.

Comentaram como o Senadinho era um espaço muito agradável e que era uma pena que tinha fechado. Que o centro está se degradando, pois onde havia um cafezinho virou loja de capinhas de celular; que onde existia a Livraria Catarinense agora é uma farmácia. Comentaram que a Livraria ainda existe em outra localização do centro, mas não é a mesma coisa. Um dos homens disse que isso está acontecendo devido ao preço do aluguel, que cada vez está mais caro.

Quando perguntei sobre os espaços que gostam do centro, comentaram que gostam bastante do espaço onde estavam, apesar dos bancos serem desconfortáveis. Um dos homens também disse que gostava da Rua Vidal Ramos, por ser cheia de bancos e lanchonetes.

Figura 35 - Bancos em frente ao Senadinho



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 36 - Mesas de Jogos no Largo da Catedral



Fonte: Autoria própria (2023)

Quando um disse que gostava do Mercado Público, outro comentou que atualmente “chega a esquecer que o Mercado existe de tanto que não frequenta o espaço”, e que quem vai no Mercado agora são os turistas.

Conversamos sobre a dinâmica do dia e da noite no centro. Comentaram como de noite no centro oeste ficam apenas moradores de rua, enquanto o centro leste é bastante movimentado. Também disseram que gostam da Avenida Hercílio Luz e da Kibelândia, pois são cheias de mesas nas ruas.

MESAS DE JOGOS AV. HERCÍLIO LUZ

Os cubos também foram levados na alameda da Hercílio Luz. Enquanto alguns homens seguiam jogando, outros se interessaram em perguntar o que eram os cubos e conversaram comigo.

Um deles comentou que eram interessantes as imagens pois poderiam ser usadas de inspiração para outras pessoas que fossem projetar espaços, porque poderiam ver na realidade o que já estava funcionando. Outro homem se divertiu ao se reconhecer em uma das imagens e comentou que era interessante ver os demais espaços de convivência do centro.

MESAS DE JOGOS LARGO DA CATEDRAL

Ao levar os cubos nas mesas de jogos do Largo da Catedral, a receptividade foi um pouco menor que nos outros espaços. Nesse lugar, o jogo é levado mais a sério e a maioria não queria se distrair dele. No entanto, dois homens se interessaram bastante pelos cubos.

Um deles foi logo reconhecendo a maioria dos espaços. Se interessou tanto que tirou foto dos cubos e levou para os outros verem. Além disso, reconheceu um grande número de pessoas também, não apenas nas fotos desse espaço, mas nos outros de jogos.

ÁREA EXTERNA MERCADO PÚBLICO

Posteriormente, os cubos foram dispostos em frente ao vão central do Mercado Público, próximos ao cover do Roberto Carlos. Um homem que estava sentado em um banco próximo se interessou e perguntou o que eram os cubos.

Durante a conversa sobre os espaços qualificados e desqualificados da cidade, ele comentou o quão complexa é a definição de espaço qualificado e como essa discussão era “um buraco bastante fundo”, visto que o que para alguns era qualificado significava a exclusão de outros. Também compartilhou que achou muito bonito ver pessoas que ainda se importam com o outro e com o espaço onde vivemos.

Quando mostrei para o cover de Roberto Carlos a sua foto, ele leu as qualidades que estavam junto com ele: integração, liberdade e inclusão, e reforçou a importância delas. Disse que o espaço dele é transmitir energia positiva para os outros. Ressaltou o impacto que transmitir alegria pode gerar na vida dos outros e comentou que já recebeu relatos de pessoas que chegaram desanimadas próximo a ele e depois de escutá-lo cantando se sentiram melhores.

Durante os percursos, algumas vezes também me foi perguntado de que material eram feitos os cubos, se estavam à venda e quanto custavam. Além disso, também escutei comentários sobre como eles seriam uma bonita decoração para casa e como seria legal presentear alguém com eles.

Figura 37 - Área externa do Mercado Público



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 38 - Calçada João Pinto



Fonte: Autoria própria (2023)

LARGO DA ALFÂNDEGA

No grande espaço do Largo da Alfândega, os cubos chamaram pouca atenção, no entanto, dois homens se interessaram por eles.

Um deles compartilhou que outro espaço que gosta muito do centro é o Largo do Fagundes, próximo às Lojas Americanas, pois possui uma estátua com uma história muito interessante. Outro homem que estava sentado próximo também participou da conversa e comentou que gosta de diversos lugares do centro, especialmente da Praça XV.

CENTRO LESTE DE DIA

Quando levei os cubos no sábado, estava ocorrendo uma feira no centro leste. Primeiro caminhei com eles nas mãos para conhecer a feira. Quando parei para apoiá-los em um banco, fui chamada por uma mulher.

Ela me perguntou o que eram esses cubos que eu estava “levando pra lá e pra cá”. Expliquei sobre os espaços do centro e ela se interessou bastante pelas fotos, assim como um homem próximo que, enquanto eu falava com ela, mexia em outro cubo.

Um pouco depois, percebi que um homem que estava com seu filho se posicionou atrás de mim enquanto eu tirava fotos do lugar.

Quando percebi que eu notei, disse que gostaria de “ver através da minha lente”. Mostrei então os cubos que estavam próximos e expliquei que as fotos neles eram minhas. Ele se interessou e mexeu nos cubos enquanto o menino pegava a caneta pois queria desenhar nos espaços em branco.

Figura 39 - Rua Victor Meirelles de noite

CENTRO LESTE DE NOITE

Buscando levar os cubos na maior quantidade de espaços do trabalho, levei-os também durante a noite no centro leste. Devido à grande quantidade de pessoas e dificuldade de locomoção com os três cubos, levei nesses espaços apenas o Cubo 3, que possui os espaços e suas qualidades. Encontrei um vendedor de artesanato que se interessou pelo trabalho.

Expliquei a ele sobre os espaços e suas qualidades e ele mostrou o espaço próximo ao Mercado Público e disse que trabalha ali todos os dias.

Também conversei com uma outra mulher que se interessou pelos cubos quando eu passei. Quando perguntei sobre outros espaços que ela conhecia com essas qualidades no centro, ela me contou sobre a Galeria Lama, que expõe trabalhos de negros e é um espaço muito legal e inclusivo.

RODA DE CAPOEIRA

Levei também os cubos na roda de capoeira da escadaria da Catedral. Logo que cheguei, um dos integrantes já reconheceu de longe a foto deles. Expliquei sobre os espaços inclusivos e como considerava muito agradável a atmosfera que eles criavam através da roda.

Quando perguntei quais outros espaços eles conheciam com essas qualidades e que poderiam escrever ou desenhar, um deles colocou num cubo o espaço do samba que ocorre no Beco do Noel e o outro a roda da alfândega.

Enquanto conversava com eles, outro homem se aproximou interessado. Ele falou da importância de colocar a minha opinião no trabalho.



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 40 - Roda de Capoeira escadaria da Catedral



Fonte: Autoria própria (2023)

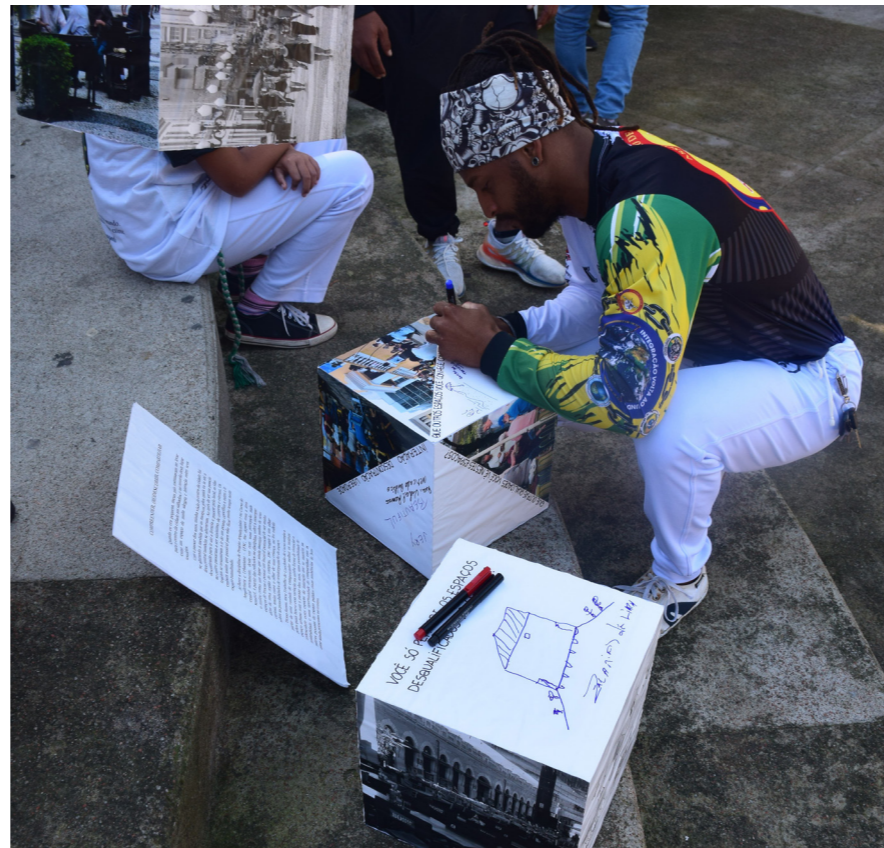
Comentou sobre a relevância de mostrar para o público os espaços desqualificados que vivenciamos, ao mesmo tempo que os espaços legais que ainda existem. Ele gostou muito das fotos, disse que frequenta bastante a capoeira e ficou chateado por não aparecer na imagem.

Sentei na escadaria e fiquei observando a capoeira, enquanto conversava com esse homem e uma mulher. Momentos depois, ela comentou que era desconfortável sentar no frio e o homem prontamente saiu e voltou com diversos pedaços de papelão que distribuiu para as pessoas que estavam sentadas na escadaria. Esse gesto me comoveu muito e mostrou como os espaços qualificados realmente geram atmosferas de inclusão e cuidado com o próximo.

Esse homem se sensibilizou bastante com o trabalho. Disse que era um trabalho muito lindo e destacou a importância de fazer algo que as pessoas possam ver ao invés de ficar apenas atrás de mesas. Perguntou se eu iria voltar outro dia, que ele queria refletir sobre os espaços e depois iria escrever sobre quais ele gostava, mas logo em seguida começou a falar sobre os espaços que apareciam nos cubos. Comentou que considera que as mesas de jogos eram uma área bem aproveitada, e que era muito legal ver como muitas pessoas usavam o espaço, pois tinham outros locais que não tinham como serem usados. Usou de exemplo o Mercado Público, e disse que ele não iria lá gastar todo o dinheiro dele, preferia comprar um salgado em outro lugar. Por fim, disse que precisava ir e finalizou a conversa me comovendo mais uma vez, ao dizer:

“É importante participar, só dá opinião aquele que está presente, aquele que se esconde não está vendo nada”.

Figura 41 - Imagens das partilhas



Fonte: Autoria própria (2023)

O QUE FOI O TCC

Iniciei o TCC sem a certeza do meu tema de estudo, mas finalizo ele com a convicção de que o seu encaminhamento não poderia ter sido diferente. Entender melhor sobre os espaços da centralidade e a forma que as pessoas os percebem não foi um processo simples, mas com certeza foi muito enriquecedor.

Compreender os espaços que vivemos e a influência que eles geram no cotidiano do ser humano foi de extrema importância para a minha formação profissional.

Descobrir a realidade efetivamente vivida no centro, e entender a importância da compreensão real dos espaços para o projetar contribuiu para o meu desenvolvimento como arquiteta.

Compartilhar as considerações e convidar à reflexão sobre as espacialidades do cotidiano incentivou as pessoas que interagiram com o trabalho a pensarem sobre os espaços que vivenciam e resgatarem o olhar curioso das crianças.

O trabalho me proporcionou interações que anteriormente não teriam ocorrido e me possibilitou conhecer histórias da cidade, de pessoas e de espaços que ampliaram minha compreensão sobre o fazer arquitetônico. Durante todo o processo, foi muito interessante perceber, através das conversas, como muitas vezes as interpretações que eu tinha do espaço não eram só minhas, mas também de outras pessoas.

Espero que as reflexões sobre o papel do arquiteto e a forma como estamos pensando os espaços da cidade tenham tocado as pessoas que interagiram com o trabalho. E que, de alguma forma, eu tenha conseguido estimular mais respeito e tolerância entre os usuários da cidade, além de um olhar mais sensível sobre os espaços em que vivemos.

Figura 42 - O que foi o TCC



Fonte: Autoria própria (2023)

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Dayse da Silva. **Campi Universitários e Espaços Verdes: Percepções Ambientais no Norte e Sul do Brasil**. 2015. 139f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ARAGONÉS, Juan Ignacio; AMÉRIGO, María. **Psicologia Ambiental**. Madrid: Ediciones Pirámide, 1998.

BARTALINI, Vladimir. Áreas verdes e espaço livres urbanos. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 1-2, p. 49-56, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CONCEIÇÃO, Milton Luz da. RIOS, Larissa Ferraz. Praça XV de Novembro: Ressignificando artes, signos e narrativas no coração de Florianópolis. **5% Arquitetura + Arte**, São Paulo, ano 16, v. 01, n.21, p. 1-20, 2021.

FLORIANÓPOLIS ONTEM E HOJE. **Aterro década 1980**. 2010. Disponível em: <https://floripendio.blogspot.com/2010/05/florianopolis-antigo.html>. Acesso em: 08 mai. 2023.

FOTOS ANTIGAS DE FLORIANÓPOLIS. **Ano de 1894 - Aterro para a construção da ala norte do Mercado Público de Florianópolis. Ao fundo a antigo prédio da Alfândega**. 2011. Disponível em: <https://fotosantigasflorianopolis.blogspot.com/>. Acesso em: 08 mai. 2023

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUHNEN, Ariane; PATO, Claudia (org.). **Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos**. Florianópolis: Edições do Bosque, 2019. 191 p. (Sociedade e Meio Ambiente).

KAPLAN, Stephen; KAPLAN, Rachel. **Humanscape: environments for people**. Massachusetts: Duxbury Press, 1978.

KLEIN, Camila. **Experiências Afetivas Urbanas: A Relação dos Habitantes com sua Praça Central**. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 1980. 208 p. Tradução de: Maria Cristina Tavares Afonso.

MILGRAM, Stanley. The Experience of Living in Cities. **Science**. [S. L.], p. 1461-1468. mar. 1970.

MOSER, Gabriel. **Introdução à Psicologia Ambiental: pessoa e ambiente**. Campinas: Alínea, 2018. Tradução de: Luís Guerreiro Pinto Cacais.

NDMAIS. **Centro de Florianópolis quando ainda não havia o aterro**. 2016. Disponível em: <https://ndmais.com.br/literatura/floripa-ontem-e-hoje-historiador-conta-as-transformacoes-politicas-e-sociais-da-cidade/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

NDMAIS. **Região Leste do Centro Histórico visto de cima**. 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/economia/projeto-vai-revitalizar-parte-leste-do-centro-historico-de-florianopolis/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

SANTIAGO, A. G.; MICHELETI, T.; MATÉ, C.; WEISS, R.; CORRÊA, A. de C. D.; SABOYA, R. T. de. Espaços livres e forma urbana: interpretando características e conflitos em Florianópolis (SC). **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 33, p. 51-66, 2014.

SCHENK, Luciana Bongiovanni Martins; LIMA, Maria Cecília Pedro Bom de. O Método Cartográfico no projeto da Arquitetura da Paisagem. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 26-40, set. 2019.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015. Tradução de: Lygia Araujo Watanabe.

SERUYAN, Kendisan. **Eso es lo que los amigos**. 2013. Disponível em: <https://dosisfotografica.blogspot.com/2013/07/nuestro-mundo-es-hermoso-y-fotografos.html>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SMITH, Neil. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. **GEOUSP - Espaço e Tempo**. São Paulo, n. 21, p. 15-31, 2007.

SOCZKA, Luis (org.). **Contextos Humanos e Psicologia Ambiental**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

STEG, Linda; BERG, Agnes E. van Den; GROOT, Judith I. M. de (ed.). **Environmental Psychology: an introduction**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora Unesp, 2005. Tradução de: Livia de Oliveira.

VAZ, Nelson Popini. **O centro histórico de Florianópolis: espaço público do ritual**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

VEIGA, Elaine V. D. **Florianópolis: memória urbana**. 3ª. ed. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.

VIA. **Mapa Interativo Centro Sapiens**. 2017. Disponível em: <https://via.ufsc.br/mapa-interativo-centro-sapiens/>. Acesso em: 06 jul. 2023.